



**ANA SOFIA LOPES
ESPANHA**

**LUDOTECA PARA PAIS E FILHOS- UM RECURSO
SOCIAL E FAMILIAR**



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2010

**ANA SOFIA LOPES
ESPANHA**

**LUDOTECA PARA PAIS E FILHOS- UM RECURSO
SOCIAL E FAMILIAR**

projecto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizado sob a orientação científica da Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal, Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

o júri

presidente

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira
Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Maria Conceição Oliveira Lopes
Professora Associada com Agregação do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Maria Gabriela Correia Castro Portugal
Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

palavras-chave

brincar, pais e filhos, ludoteca, desenvolvimento infantil, comunidade e apoio às famílias.

resumo

O presente trabalho consiste num projecto social de intervenção comunitária que prevê a construção de uma Ludoteca em Estarreja, destinada à actividade lúdica de crianças dos 0 aos 3 anos e seus familiares.

Na infância, importa assegurar um ambiente familiar e social onde predomina um clima de segurança, afecto, alegria, responsabilidade e liberdade. Importa propiciar estímulos variados e reforçar as conquistas da criança. As brincadeiras são fonte de estímulo ao desenvolvimento da criança e também uma forma de expressão motora, cognitiva, afectiva e social podendo ser utilizadas como meio de aproximação nas relações entre pais e filhos.

Embora exista um consenso social de que a actividade lúdica é fulcral no desenvolvimento humano, hoje existe cada vez mais entraves ao tempo de brincadeira das crianças em interacção com as figuras que lhe são mais significativas, normalmente pai e mãe. A ludoteca pode assumir-se como um espaço convencial que permite o brincar, facilitando o fortalecimento de relações interpessoais positivas com essas figuras, bem como espaço de suporte às famílias, sobretudo as mais vulneráveis.

keywords

play, parents and children, toy library, child development, community and family support.

abstract

This work is a draft social community intervention that involves the building, in Estarreja, of a toy library for the recreational activity of children from zero to three years and their family. It should be ensured, in childhood, a family and social environment dominated a climate of security, affection, joy, freedom and responsibility. It provides various stimuli and reinforces the achievements of the child. The games are a source of stimulus to the development of the child and also a form of motor expression, cognitive, affective and social can be used as a means of rapprochement in relations between parents and children. Although there is a social consensus that the recreational activity is central to human development, today there is increasing barriers to children's playtime interacting with the figures they are most significant, usually parents. The toy library can position itself as a convivial space that allows for play in facilitating the strengthening of positive interpersonal relationships with these figures, so as space and support to families, especially the most vulnerable.

Índice

Introdução	1
I- Natureza do Projecto	2
II- Enquadramento teórico do Projecto	4
A importância do brincar	4
Envolvimento parental nas brincadeiras	8
O brincar no contexto actual - o papel social das ludotecas	12
III- Enquadramento Metodológico	16
IV- Fundamentação do Projecto	19
Diagnóstico	19
Estratégia.....	23
Previsões	24
V- Apresentação do Projecto	27
Objectivos	27
Localização	28
Metodologia	30
Planificação	31
Avaliação	33
VI- Execução do Projecto.....	36
Previsão de recursos.....	37
Recursos humanos.....	37
Recursos materiais	38
Recursos financeiros	39
Análise do investimento e exploração do projecto	39
VII- Considerações finais	42
VIII- Referências bibliográficas	44
IX- Anexos	47

Introdução

O projecto *Ludoteca para Pais e Filhos: um recurso social e familiar*, é um projecto elaborado no âmbito do trabalho final realizado no Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária na Universidade de Aveiro.

Enquanto projecto de cariz social, este trabalho procura complementar as ofertas já existentes nos serviços de atendimento à infância do concelho de Estarreja, procurando ajudar os pais a inserir o brincar com os filhos nas suas rotinas e promover bem-estar familiar e social.

Partiu-se dos pressupostos teóricos que consideram o brincar um elemento básico no desenvolvimento da criança, considerado este na sua dimensão ecológica, em que se enfatiza a importância do estabelecimento de relações interpessoais positivas com as figuras significativas no seu contexto de vida, bem como das redes e recursos comunitários de apoio ao bem-estar e desenvolvimento de todos.

A estrutura deste trabalho, segue as etapas para a elaboração de projectos sociais e culturais, desde a fase de diagnóstico à planificação de uma intervenção na comunidade. De uma forma geral, o trabalho está organizado em duas fases. Numa primeira fase, são abordados os princípios teóricos orientadores do projecto. Os temas de referência são as diferentes perspectivas sobre o brincar, a importância das actividades lúdicas conjuntas no seio da família e o papel das ludotecas, enquanto espaço de convívio, de promoção do brincar e recurso da comunidade e suas famílias. Na segunda parte do trabalho é apresentado o projecto idealizado, sustentado por um trabalho de pesquisa realizado no terreno, onde se prevê as etapas necessárias a percorrer na sua concepção, preparando assim a sua aplicação-execução.

I. Natureza do Projecto

Este projecto nasceu da consciencialização das transformações actuais em relação à maneira, ao espaço e ao tempo de realização do brincar, sobretudo na primeira infância (dos zero aos três anos).

Enquanto profissional de educação de infância, preocupa-me o facto dos pais terem cada vez menos tempo disponível para estarem com os filhos e não disporem de condições para desenvolverem com eles actividades lúdicas, imprescindíveis para o desenvolvimento e para a promoção de laços familiares estáveis.

Nos dias de hoje, devido aos novos estilos de vida, torna-se cada vez mais difícil o convívio e a oportunidade de brincar em família. Os pais trabalham até tarde e muitas vezes ao fim de semana, chegam a casa cansados e não dispõem de muito tempo para conviver e dar atenção aos filhos. Em casa, o tempo de convívio surge muitas vezes associado a uma rotina diária instalada nos cuidados básicos da criança (alimentação e higiene) e o brincar em conjunto é deixado, na maioria das vezes, para segundo plano.

Os bebés e crianças, acompanham o ritmo de vida dos pais e permanecem cada vez mais tempo nas creches. Chegam também cansadas a casa e nem sempre têm um espaço adequado e uma companhia para brincar.

Os estudiosos do desenvolvimento infantil defendem que desde o nascimento os bebés aprendem activamente e que as relações, assim como a actividade lúdica são fundamentais para esse aprendizado. Quando a criança brinca com os pais, com outros adultos ou com outras crianças, fortalecem-se os vínculos, a criança aprende a ser, descobre as suas potencialidades, lida melhor com a frustração, aprende a perceber as suas emoções e a dos outros, fortalece a auto-imagem, estimula o seu pensamento e a imaginação. Neste sentido, as pessoas e os brinquedos tornam-se mediadores do desenvolvimento, criando condições para que as crianças adoptem condutas, valores, atitudes e hábitos sociais equilibrados e favorecedores de aprendizagens básicas.

No entanto, na nossa sociedade constatamos que, cada vez mais, pais e filhos têm pouco tempo para estarem juntos, brincar e experimentar actividades novas, que fujam à rotina que os novos estilos de vida impõem. Tal realidade está presente nos depoimentos de especialistas da área da educação e também dos próprios pais.

Sabendo que aquilo que uma criança experiencia nos seus primeiros anos de vida influencia o seu desenvolvimento e sendo a relação que a criança tem com as suas figuras afectivas de referência o ponto de partida para se promover o desenvolvimento e as novas aprendizagens da vida, pretende-se com este projecto idealizar um contexto de qualidade em resposta à primeira infância que atenda a estes aspectos, criando oportunidades para que as famílias possam ser melhores famílias.

O concelho de Estarreja foi o local potenciador desta ideia, uma vez que aí se tem investido pouco nas primeiras experiências da vida e na promoção de actividades em que os pais também possam participar. Se em casa, no seu dia-a-dia, os pais nem sempre conseguem desfrutar do convívio com os seus filhos e realizarem brincadeiras e experiências conjuntas, se os serviços de creche existentes não cobrem todas as necessidades das famílias com crianças muito pequenas, em particular das famílias mais vulneráveis, configura-se como pertinente pensar em novas oportunidades de convívio entre pais e filhos, transformando tempos de lazer em tempos de qualidade, produtivos e enriquecedores. O facto de existir um local comunitário, pensado e criado de forma a atender às necessidades específicas deste público (e.g. necessidades lúdicas, de apoio social, de informação, de formação, de suporte conjunto, etc.) poderá contribuir para a melhoria das relações intra-familiares e incentivar ao convívio, à partilha e à aprendizagem conjunta.

II. Enquadramento teórico do projecto

A importância do brincar

Mesmo pequena, a criança sabe muitas coisas, ela age sobre o mundo, interage com pessoas, pensa e planeia as suas acções. Ela expressa o que sabe fazer e mostra, através dos gestos, do olhar, da palavra a forma como compreende o mundo. Para ela, brincar é a actividade principal do dia-a-dia e aquela que mais gosta de realizar.

Existem inúmeras definições do brincar, incluindo a de Kishimoto (2001) que considera o brincar uma acção livre, iniciada e conduzida pela criança, que dá prazer, que relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo do imaginário. Segundo a autora, é através desta acção prazerosa que a criança aprende activamente, partilhando brincadeiras com o outro, expressando a sua individualidade e identidade e explorando o mundo dos objectos, das pessoas e da natureza.

As descobertas científicas ocorridas nos últimos 30 anos, acerca do funcionamento do cérebro humano, vieram mostrar que as experiências realizadas pelas crianças nos primeiros anos de vida são cruciais para o seu desenvolvimento futuro. Segundo Rima Shore (1996) estas descobertas produziram três conclusões importantes: primeiro, a capacidade de uma criança se desenvolver depende da interacção entre a natureza (o seu lado genético) e a educação (a forma como é cuidada e o estímulo e atenção que recebe); em segundo, o cérebro humano está estruturado de forma a beneficiar da experiência e de um estímulo eficaz durante os primeiros anos de vida; por fim, embora as oportunidades e os riscos das experiências vivenciadas pela criança, sejam maiores durante os primeiros anos de vida, a aprendizagem tem lugar ao longo de todo o ciclo da vida humana.

Na verdade, todos os bebés nascem com um grande potencial para aprender. Nos primeiros anos de vida o cérebro está muito activo, sendo importante aproveitar esta fase para que todo o potencial da criança se desenvolva ao máximo.

A mediação por parte do adulto tem um papel fundamental na promoção de estímulos variados e na aprendizagem de novas brincadeiras. A criança não nasce a saber brincar, ela aprende através do contacto com os objectos e brinquedos, ao observar outras

crianças e ao interagir com as pessoas que estão mais próximas e afectivamente ligadas a si.

Segundo Piaget (1978, cit. Kishimoto 2001) as experiências sensoriais expressivas e corporais são para os bebés uma forma de expressão capaz de mostrar como a dimensão corporal se integra ao seu desenvolvimento mental. Ao brincar, a criança usa o corpo, os sentidos e o movimento para explorar uma diversidade de espaços e manipular diversos objectos, que lhe servirão de apoio e estímulo à aprendizagem natural. Na sua teoria defende ainda que a brincadeira espontânea e agradável permite à criança expressar os seus impulsos e, dessa forma, serve como elemento encorajador e de orientação para o desenvolvimento oportuno da inteligência.

Por esta razão, Lilian Katz (2005) considera que os primeiros anos de vida de uma criança deverão ser marcados por uma exploração activa em ambientes ricos, diversificados e seguros, em que possa interagir com os pares e com adultos. Segundo a autora, é através das relações que as crianças pequenas experienciam bem-estar, o que inclui a capacidade de constituir relações satisfatórias com os outros, de brincar, comunicar, aprender e enfrentar desafios. Importa que, desde cedo a criança tenha a liberdade necessária para explorar e experienciar, de forma a descobrir e encontrar soluções para novas situações e problemas com que se vai defrontando.

É na infância que se deve propiciar estímulos variados e reforçar as conquistas psicomotoras da criança, isso tudo dentro de um ambiente social rico de atitudes positivas, em que predomina um clima de segurança, afecto, alegria, responsabilidade e liberdade.

Segundo Manning e Sharp (1977, cit. Moyles 2002) é necessário considerar o que se quer que as crianças adquiram numa determinada situação lúdica e modificar regularmente os recursos e materiais para isso. Considerada numa perspectiva pedagógica, os autores consideram que a actividade lúdica é sempre estruturada pelos recursos disponíveis e que por isso, a qualidade de qualquer brincadeira dependerá da qualidade, da quantidade e da variedade controlada do que é oferecido.

Um dos factores fundamentais para a afirmação pessoal e integração social da criança são, segundo Brazelton (1981), as brincadeiras colectivas. Na infância, o mundo social aparece nas brincadeiras conjuntas, onde a criança aprende não só a brincar de forma diferente, como também a conhecer o outro.

Numa perspectiva sociológica Vygotsky (1978, cit. Friedmann 1996) defende que a criança se desenvolve com base nas relações que estabelece com os outros, sobretudo com as pessoas com quem mantém contactos regulares. Esta convivência confere à criança a capacidade de entender o comportamento dos outros e corresponder-lhes dentro dos padrões sociais da cultura em que vive. Ao brincar com outras pessoas, a criança aprende a viver em grupo, num contexto apropriado e inspirando-se nos seus modelos culturais. Segundo o autor, o brincar colectivo, oferece à criança a possibilidade de trocar ideias, criar regras, cumprir normas, esperar a sua vez e interagir de uma forma mais organizada. Além disso, a interacção favorece a atenção no outro e propicia, simultaneamente, uma descentralização de si próprio. Ao brincar em conjunto, com outras crianças ou com adultos, é estabelecido um diálogo, factor determinante para desenvolver o pensamento e a imaginação.

Na infância, a brincadeira é o caminho de transição para níveis mais elevados de desenvolvimento. Um dos conceitos mais conhecidos da teoria de Vygotsky é o conceito de Zona de Desenvolvimento Próximo, que remete para a discrepância entre a idade real da criança e o nível que atinge quando resolve problemas com o auxílio do adulto ou de outra criança mais competente. Ao contactar com outras pessoas, ao partilhar brincadeiras, a criança experimenta-se como parceiro e como igual, partilha interesses e desejos comuns, enfrenta os desafios propostos pelo outro e ensaia a resolução dos inevitáveis e salutares conflitos. Ao brincar com pessoas mais velhas e afectivamente ligadas a ela, a criança aprende a responder aos novos desafios da vida. Nestas figuras significativas, a criança encontra o suporte, o encorajamento, o reforço e a segurança necessária à sua actividade lúdica, o que proporciona saltos qualitativos do seu desenvolvimento e aprendizagem.

Também Freud (1927, cit. Kishimoto 2001) acredita que as crianças precisam de brincar tanto a sós como com os outros, de forma a sentirem controlo nos seus actos e a ultrapassarem dificuldades. Para o autor, brincar pode ser um meio de diagnóstico e de intervenção na medida em que é um meio natural de auto-expressão, que permite à criança exteriorizar sentimentos agradáveis e desagradáveis, de forma espontânea.

Moyles (2002) considera que em qualquer brincadeira deve ser estimulado tanto o brincar livre como o brincar dirigido. Por meio do brincar livre, exploratório, as crianças aprendem alguma coisa sobre situações, atitudes e respostas, materiais etc. Por meio do

brincar dirigido elas têm uma outra dimensão e uma nova variedade de possibilidades, estendendo-se a um relativo domínio dentro de uma determinada área ou actividade.

Os espaços onde ocorre o brincar são também muito importantes. Muitas das aprendizagens que a criança realiza nos primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e acessíveis a ela.

Segundo Bronfenbrenner (1979, cit. Neto 2004), a criança necessita, desde tenra idade, de envolvimento progressivamente orientados para as práticas fora de casa, não só para realizar contactos com outros adultos e crianças mas também para experimentar diferentes contextos de vida. Como João Pimentel refere (1985) «a diversidade de espaços que a criança experimenta tal como a diversidade de objectos que manipula, desde os primeiros anos de existência, favorece o seu próprio conhecimento e domínio corporal e possibilita a conquista do espaço e o conhecimento do mundo». (1985:39)

Ao permitir a actividade lúdica, sobretudo em espaços amplos, desafiadores, de brincadeira partilhada, a criança exercita as suas habilidades motoras, toma decisões, orienta-se ao seu ritmo, experimenta novas formas de comunicar e descobre por si as suas áreas de interesse.

Na sua obra, Carlos Neto (2004) realça a atenção para o facto dos espaços públicos, estarem progressivamente a desaparecer na cultura lúdica da criança. Como o autor refere, «o tempo espontâneo, da aventura, do risco e do confronto com o espaço físico natural, deu lugar a um espaço organizado, planeado, uniformizado» (2004:3). Esta mudança tem tido como consequência a diminuição do nível de autonomia das crianças e implicações no seu desenvolvimento motor e emocional. Brincar em diferentes espaços, sobretudo naqueles que permitem o contacto com a natureza, é para os bebés uma óptima experiência sensorial e uma forma de exercitar a independência da criança. Mesmo muito novas, as crianças poderão, com a ajuda dos pais, compreender e apreciar o mundo natural ao seu redor, explorando a natureza e os elementos.

Importa, por isso, deixar as crianças inventarem novas formas de conhecerem o mundo, brincando sem restrições e exageradas supervisões, em espaços amplos e abertos, em contacto com a natureza e, sobretudo no que diz respeito às crianças mais pequeninas, no seio de relações afectivas significativas, estimulantes e securizantes.

Envolvimento parental nas brincadeiras

A família é um contexto que reflecte as condições da sociedade e como tal, as circunstâncias em que a família se insere e o seu modo de vida afectam as relações de confiança e segurança emocional entre os seus membros.

Os novos estilos de vida têm levado ao fortalecimento do individualismo em detrimento do convívio e esta restrição da comunicação humana e dos espaços conviviais significativos, têm afectado os ditos “círculos privados”, de entre os quais se encontra a família. Actualmente as crianças entram cada vez mais cedo no mundo das rotinas aceleradas, das pressões sociais e têm cada vez menos tempo para brincar livremente e partilhar experiências com os seus pais.

O *Duracell Toy Survey*, um estudo Pan-europeu que questionava as crianças sobre os seus brinquedos favoritos e hábitos diários de brincadeira, revelou em 2007, que as crianças portuguesas são as que menos brincam, diariamente, com os pais.

Estes resultados são motivo de preocupação e reflexão para a nossa sociedade. É no contexto familiar em que vive, que a criança age, cresce, expõe sentimentos, cria a primeira imagem de si mesma e os seus primeiros modelos de comportamento. Tudo isto contribui para a formação base da sua personalidade e para a definição do seu papel social. Por esta razão, não basta dar às crianças o direito de brincar, este é um assunto que implica uma mudança de postura das famílias diante a brincadeira e do espaço em que ela acontece. É necessário que os pais intervenham junto delas, interagindo nas suas brincadeiras, acabando por as ensinar a brincar.

Através das brincadeiras, verifica-se que se vai criando um vínculo de confiança entre pais e filhos, fulcral para o crescimento e desenvolvimento dos mais novos. Segundo Gabriela Portugal (2002) é a partir da família que a criança estabelece ligações emocionais próximas, intensas e duradouras essenciais para uma socialização adequada.

Desde sempre as crianças necessitam de estabelecer um vínculo com alguém. É com base na relação que a criança estabelece com as pessoas mais próximas, inicialmente a mãe e mais tarde outras figuras significativas (tais como: pai, irmãos, avós) que desenvolve um sentido de segurança e inicia a exploração do ambiente circundante. O fenómeno da vinculação é tão necessário para o bebé como a satisfação das suas necessidades vitais e é

neste compromisso fundado no amor e na disponibilidade, que a criança encontra um meio afectivo propício ao seu próprio desenvolvimento e ao conhecimento acerca do mundo.

À medida que a criança cresce os laços afectivos tornam-se menos dependentes da proximidade física e mais dependentes de qualidades abstractas, tais como o afecto, a confiança mútua, a aceitação e aprovação recíproca integradas tanto pela criança como pelo adulto. Paul Osterrieth (1975) afirma que «o amor para a criança não pode ser um sentimento abstracto, deve ser sensível, manifesto, exprimindo-se por dádivas concretas.» (1975:25). Se enquanto bebés esse amor é percebido na qualidade das refeições e cuidados básicos, nos contactos com a mãe e nos jogos afectivos que a família lhe proporciona, quando mais crescidos, o amor é percebido na atenção prestada, nas fantasias e brincadeiras vividas em conjunto, no interesse e no tempo concedido.

A criança tem necessidade de se sentir amada e valorizada pelos pais mas, de igual modo tem necessidade de exprimir o seu amor. Colaborar, ser prestável, participar como membro absoluto da família são formas de expressão da criança, que lhe permitem sentir-se feliz e aceite, valorizada nas suas contribuições.

Segundo Bronfenbrenner (1972, cit. Portugal 1992) existem aspectos do ambiente familiar que podem afectar o desenvolvimento da criança, tanto para o bem como para o mal. Será consoante a qualidade das relações e as actividades que são ou não permitidas nesse contexto que se pode compreender o desenvolvimento da criança. Para Gabriela Portugal (1994) é imprescindível uma vinculação securizante, em que a criança experimente sensações agradáveis, se sinta amada, segura e desejada. Estes sentimentos são motores do desenvolvimento, essenciais para o sucesso social. Uma criança que é amada e respeitada irá desenvolver a auto-confiança, a iniciativa, a responsabilidade e a independência necessária para singrar na vida. Por outro lado, atendendo aos estudos de Spitz (1958, cit. Dunst 1995) acerca da privação afectiva, a carência de afecto irá provocar efeitos imediatos e futuros, afectando todo o desenvolvimento da criança.

Garbarino (1982, cit. Dunst 1995) refere factores de risco e de protecção que poderão coartar, impedir ou promover o desenvolvimento de uma criança, sendo determinante a qualidade das relações que se estabelecem com as crianças. O afecto e a responsabilidade dos pais, combinados com limites consistentes e afectivos apresentam implicações na qualidade do relacionamento ente criança e família. A postura dos pais tem, portanto um papel muito importante na interiorização das relações da criança. Se a família

consegue ler as pistas emocionais da criança, se valoriza devidamente a sua procura de segurança e confiança, esta desenvolve a confiança necessária para a exploração do mundo. Se a família oferece um ambiente de rejeição, negligência, autoritarismo ou extrema permissividade, a criança experiencia dificuldades nas relações que estabelece consigo própria e com os outros, interiorizando um modelo relacional negativo.

De acordo com as investigações de Bailey e Wolery (1992, cit. Bartomoleu 2000), a interacção no contexto familiar tem uma grande importância no desenvolvimento cognitivo, da linguagem, das competências sociais e na estabilidade emocional das crianças. O bem-estar vivenciado pela família, influencia o funcionamento desta, o que por sua vez interfere nos estilos de interacção pais/crianças e em última instância produz efeitos no comportamento e desenvolvimento da criança.

Robert Myers (1995) considera que os programas de intervenção precoce promovem o desenvolvimento de melhores atitudes parentais, proporcionando mais informação e melhores competências para lidar com a criança e incentivando a libertação de algum tempo para o descanso e lazer.

Nas crianças com necessidades especiais de desenvolvimento, a intervenção precoce por parte do adulto é um factor fulcral para o bom desenvolvimento da criança e para a melhoria da sua relação familiar. Myers (1995) reforça a ideia que intervir precocemente, pode ter uma natureza preventiva secundária ou primária, procurando contrariar a manifestação de problemas de desenvolvimento ou prevenindo a sua ocorrência. O momento em que é proporcionada a intervenção é particularmente importante, já que a criança corre o risco de perder oportunidades de desenvolvimento durante os estádios mais propícios. Se esses momentos não forem aproveitados, mais tarde a criança pode vir a manifestar maiores dificuldades de aprendizagem (1995:45).

Nesta perspectiva de desenvolvimento, para além da prestação de cuidados básicos, os pais têm um papel crucial a desempenhar na educação dos seus filhos, fazendo-os crescer como pessoas e como cidadãos, sendo a melhor forma de alcançar esse objectivo através do seu envolvimento nas suas actividades mais significativas. Não há crescimento saudável sem o desenvolvimento de processos saudáveis de interacção e o brincar é, sem dúvida, a forma mais fácil e efectiva de permitir, promover e facilitar os processos de interacção. Portugal (1992) salienta que se não há um contexto onde seja dado à criança oportunidades, recursos e encorajamento para exercitar e desenvolver as suas capacidades

recentemente adquiridas, sem intervenção de outros mais competentes do que ela, o processo de desenvolvimento sofre dificuldades. É portanto fundamental que a criança possa usufruir de tempo e espaço para conviver e envolver-se em brincadeiras conjuntas.

As brincadeiras são fontes de estímulo ao desenvolvimento da criança e devem ser encaradas como um instrumento de aproximação entre pais e filhos nas relações familiares. As brincadeiras permitem novas vivências, experiências e sensações de descontração, alegria, confiança e segurança e, através delas, num clima de comunicação e descontração, pais e filhos aprendem a respeitar-se e a compreender as suas possibilidades e limites. Portanto, acredita-se que se existir uma inter-relação e orientação familiar, a criança poderá, através do brincar, aprender a lidar de forma mais eficaz com as situações vivenciadas no seu dia-a-dia, superando dificuldades, enfrentando conflitos e, nesse processo, aprendendo a potencializar as suas habilidades e capacidades humanas.

O adulto, enquanto mediador da experiência da criança, deve ser não só quem possibilita e facilita a experiência mas, também aquele que a enriquece, que vai introduzindo, aos poucos, diferentes estímulos para os quais a criança não estaria naturalmente alerta e que conduz a criança na reflexão sobre o que vai acontecendo.

Na sua obra *“Crianças Ocupadas. Como algumas opções erradas estão a prejudicar os nossos filhos”*, a investigadora Maria José Araújo (2009) reflecte sobre as alterações nos hábitos e práticas de brincar na sociedade actual. Segundo a autora, hoje há crianças que brincam sozinhas, sem qualquer orientação, acompanhamento ou vigilância e, por outro lado, existem crianças que vêm o seu tempo de brincadeira demasiado orientado e ocupado por apoios institucionais. Sabemos que se as actividades lúdicas da criança forem maioritariamente organizadas por outros, esta não desenvolverá, da mesma forma, a sua imaginação e autonomia.

A autora constata que as crianças de hoje têm o seu dia demasiado ocupado, têm muitos trabalhos e actividades para fazer e o tempo de brincar, na companhia daqueles que lhe são mais significativos, tem sido deixado para segundo plano. Por esta razão, refere que nos dias de hoje, é urgente permitir tempo diário apenas para a criança brincar à vontade. Devem ser incentivadas as iniciativas que permitam às crianças estabelecerem relações espontâneas e continuadas tanto com os pais, como com outras crianças, assim como tempo e espaço para brincarem sozinhas.

Brincar com os pais, frequente e continuamente, é uma actividade que promove o fortalecimento gradual dos laços entre a criança e os adultos e, a incentiva a avançar cada vez mais nas suas descobertas.

Segundo a autora, também para os pais é vantajoso o envolvimento. Brincar com os filhos, é uma forma de mostrar melhor e sob diversos ângulos, o que é um adulto e tudo o que há de interessante no mundo que nos rodeia. Partilhar momentos lúdicos com os filhos contribuirá para estimular a imaginação das crianças, despertando ideias e interesses e fazendo-as questionar aquilo que vivenciam, de forma a procurarem soluções para os imprevistos que surgem.

Actualmente torna-se cada vez mais pertinente recuperar a infância, construída com a presença e a orientação dos pais.

O brincar no contexto actual - o papel social das ludotecas

O desenvolvimento da industrialização, o crescimento dos centros urbanos, as alterações nos padrões de vida, nos costumes e valores têm tido influência na educação das crianças, de todas as classes sociais, em Portugal e em todo o mundo.

Perante estas mudanças sociais, merece destaque o esforço de vários países para melhorar a educação e o cuidado com as crianças, passando a preocupar-se mais com a sua formação desde a primeira infância.

Os estudos modernos da sociologia da educação, onde se inclui a perspectiva de Manuel Pinto e Manuel Sarmiento (1997) mostram que na realidade actual não há mais preocupação com a criança padrão, mas com a infância dentro de um contexto cultural, social, político e económico do qual a criança é parte integrante, merecendo, portanto, atenção e cuidado.

No século XX, passou-se a reconhecer que existem muitas crianças e muitas infâncias, já que estas se inserem numa diversidade de contextos, cada um com as suas especificidades. A criança começa agora a ser vista como co-construtora, ou seja, um ser participativo e influente no mundo em que se insere.

Um marco importante nesse processo de reconhecimento foi a Declaração dos Direitos da Criança, assinada a 20 de Novembro de 1989, pela Assembleia Geral das

Nações Unidas e ratificada por Portugal a 21 de Setembro de 1990. Este documento tem como objectivo garantir às crianças de todo o mundo, condições de vida digna, gozando de protecção, alimentação, acesso à escola, à saúde e ao lazer, incluindo-se nesta última premissa o direito a brincar.

Infelizmente, porém, depois de passados tantos anos desta declaração ter sido assinada, ainda existem crianças que não desfrutam plenamente destes direitos. Na verdade, nos dias de hoje, estão associados vários factores que tendem a diminuir ou influenciar a oportunidade e o direito de brincar, tais como: o facto de os pais não disporem de tempo para conviver e dar atenção aos filhos; o facto de as crianças permanecerem mais tempo nas instituições; a falta de espaço nas habitações; a falta de espaços lúdicos, de lazer e a insegurança das ruas; o uso excessivo da televisão; as dificuldades socioeconómicas da família na promoção de actividades de qualidade, entre outros.

Embora em Portugal existam várias iniciativas políticas públicas para garantir a eficácia da promoção dos direitos da criança, incluído o direito a brincar, existem ainda algumas questões que nos fazem reflectir, sobretudo quando reconhecemos os novos ritmos de vida impostos pela sociedade moderna e quando constatamos que a geração de crianças de hoje é uma geração com novas necessidades.

No relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, Jacques Delors (2001) defende a ideia de que para se viver neste novo século e favorecer o desenvolvimento contínuo de cada ser humano, a educação deve estar assente sobre quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Neste sentido, a actividade lúdica deve ser entendida como parte integrante do processo educacional, de forma a permitir à criança a aprender os saberes básicos necessários para participar num mundo continuamente em transformação.

Em relação às políticas do brincar, as ludotecas têm assumido um papel fulcral na promoção deste direito. Estes espaços, especialmente pensados para crianças têm como prioridade contribuir para o seu desenvolvimento global, através da actividade lúdica.

É difícil situar com exactidão a origem do conceito de ludoteca, mas este enquadra-se na ideia geral de proporcionar intercâmbios culturais para as crianças, através de actividades lúdicas. A primeira ludoteca foi fundada em 1934 na Califórnia e em 1960 a Unesco lançou a ideia a nível internacional o que fez surgir diferentes iniciativas na

maioria dos países europeus. Em Portugal a primeira ludoteca surgiu em Évora no ano de 1984.

Inicialmente, as ludotecas começaram por ser centros de planeamento assistencial e de empréstimo de brinquedos com o objectivo de ajudar a superar as carências do tipo económico que impediam o acesso de algumas crianças a determinadas brincadeiras. Actualmente as ludotecas assumem diferentes funções, quer de âmbito pedagógico, social, comunitário ou familiar (Solé:1993).

Por todo o mundo foram criados espaços cuja principal missão é favorecer a brincadeira. No Brasil existem as brinquedotecas, espaços com muitos brinquedos onde as crianças podem brincar livremente e participar em actividades de grupo. Pela Europa existem as toys libraries que funcionam com o objectivo de emprestar brinquedos e livros para as crianças levarem para casa. Na Suécia, por exemplo, é comum encontrarmos as lekoteks, um tipo de ludoteca criada especialmente para atender crianças portadoras de deficiências e onde se ensina as famílias a brincar com elas de forma estimulante. Em Portugal, Espanha, França e Itália, as ludotecas tanto existem perto das Universidades e Hospitais como também espalhadas pelas mais longínquas aldeias. Existem as ludotecas itinerantes e ludotecas fixas que possibilitam, favorecem e estimulam a actividade do brincar, disponibilizando aos seus utentes tanto os materiais necessários, como as orientações, a ajuda e a companhia na realização de diversas actividades.

Na sua função pedagógica, a ludoteca incentiva à autonomia da criança. A criança pode escolher aquilo que quer fazer, pode contactar com materiais diversos e experimentar novas vivências. Dar possibilidade à criança de escolher aquilo que quer fazer ou o brinquedo que deseja usar, permitir-lhe-á viver as consequências das suas escolhas e aprender a fazer escolhas acertadas. Permitir que a criança brinque livremente contribuirá para desenvolver a sua imaginação e espírito crítico e ao brincar em grupo ajudará a melhorar a comunicação e a relação com o outro.

Segundo Solé (1993:33), as ludotecas devem apresentar os seguintes objectivos:

- 1- Empréstimo de material lúdico, segundo os gostos e aptidões da criança;
- 2- Fomentar a prática do jogo e da brincadeira em grupo;
- 3- Aumentar e melhorar a comunicação e as relações entre crianças e pais;
- 4- Orientar os pais em relação à compra adequada dos brinquedos;
- 5- Proporcionar material lúdico às crianças diminuídas;

- 6- Reparar brinquedos que tenham sido estragados;
- 7- Inventar e executar brinquedos simples;
- 8- Realizar actividades de animação infantil relacionadas com o jogo e com o brinquedo;
- 9- Testar brinquedos, analisando a sua qualidade ao nível dos materiais e as reacções das crianças perante dos mesmos;
- 10- Facilitar essa informação aos fabricantes de brinquedos.

Acima de tudo interessa que a ludoteca se configure como um local onde as crianças podem experienciar o prazer de brincar, de escolher brinquedos, de conhecer outras actividades, de alargar experiências relacionais, e um local onde os pais encontram resposta a algumas das suas necessidades parentais (apoio, informação, formação, etc.), robustecendo a sua relação com as crianças.

III. Enquadramento Metodológico

Na sua obra, Serrano (2008) afirma que estamos a viver numa era em que se valoriza a eficiência e as realizações concretas. Segundo a autora é necessário levar a cabo acções concretas nas comunidades em que trabalhamos mas mais importante é reflectirmos e questionarmos sobre a finalidade que pretendemos alcançar com elas.

Uma intervenção activa na sociedade necessita de um instrumento que permita a transformação das ideias em acções, ou seja, necessita da elaboração de um projecto.

Embora ambíguo e polissémico, o termo projecto pode ser entendido como um plano de acção, intenção, desígnio, intento, programa, esboço, lançamento, etc. Existe uma grande variedade de projectos consoante a problemática social que representa e o campo de aplicação de cada um deles. Existem projectos de acção educativa, projectos pedagógicos, projectos institucionais, projectos de formação, projectos sociais, entre outros. Os projectos sociais distinguem-se dos outros pois nascem como consequência do desejo de melhorar a realidade em que vivemos.

Fernando Tenório (2002) define projecto social como um conjunto de actividade que, organizadas em acções concretas, atendem a necessidades sentidas e identificadas pela comunidade, num espaço de participação criado por ela própria ou estimulado por alguém. Quem elabora projectos sociais tenta sempre resolver uma carência, uma necessidade e olham sempre para o futuro que tentam melhorar. Apesar da diversidade de campos de aplicação, qualquer projecto integra características comuns. Um projecto é um plano de trabalho com carácter de proposta e, portanto tem como missão prever, orientar e preparar bem o caminho do que se vai fazer, para o seu posterior desenvolvimento. Um projecto tem um início, um meio e um fim determinado. Tem objectivos específicos, envolve custos, é multidisciplinar e constitui-se por uma série de actividades numa sequência de fases.

Glória Serrano (2008:16), aponta cinco elementos fundamentais na elaboração de um projecto social, tais como:

- 1- Descrever o que se pretende alcançar, indicando a finalidade do projecto;
- 2- Adequar o projecto às características do contexto e das pessoas;
- 3- Trabalhar com dados, informações técnicas e instrumentos de recolha de dados;
- 4- Recorrer a recursos mínimos imprescindíveis à aplicação;

5- Definir uma temporalização para a execução.

Segundo a autora, a elaboração de projectos sociais implica reflectir de forma segura e rigorosa sobre o problema social concreto a melhorar, implica tomar consciência das múltiplas necessidades e uma vez estudada a realidade social, escolher um problema concreto e possível de resolver, implica elaborar um desenho o mais completo possível, sistemático e reflexivo, aplicá-lo à prática com a finalidade de transformá-la, ter abertura e flexibilidade na aplicação, ser um projecto original e criativo e que parta sempre da prática, ou seja, da óptica de quem vive o problema.

A autora (2008:25) aponta 10 pressupostos necessários na formulação de um projecto:

- 1- Natureza do Projecto
- 2- Fundamentação
- 3- Objectivos
- 4- Metas
- 5- Localização
- 6- Metodologia
- 7- Calendarização
- 8- Recursos Humanos
- 9- Recursos Materiais
- 10- Recursos Financeiros

A complementar todos estes pressupostos existe o processo da avaliação. A avaliação é o processo sistemático de verificação para determinar até que ponto os objectivos propostos foram atingidos. Para Tenório, a avaliação é uma fase imprescindível na elaboração de um projecto e deve ser implementada com as pessoas e não para elas. Como refere o autor «A avaliação de um projecto comunitário deve ser vista como um processo educativo no qual o aprendizado é tanto daqueles que buscam uma solução para os seus problemas como daqueles que o apoiam.» (2003, p.14).

A avaliação não deve ser vista como uma etapa final ou terminal num projecto. Sendo o projecto um meio utilizado para a solução de determinados problemas, a sua avaliação é um meio para verificar até que ponto a solução proposta será a ideal, está a ser ideal ou foi a ideal. Estas três situações têm relação com as etapas do processo de avaliação, que se realizam antes, durante e após a execução do projecto. Glória Serrano, refere três momentos do projecto que caracterizam a avaliação. Inicialmente há uma

avaliação diagnóstica, que ocorre antes do processo de aquisição, durante o processo é necessário realizar uma avaliação formativa e no final do processo uma avaliação sumativa.

Segundo Cortesão (1993, cit. Leite 1993), a metodologia de trabalho de projecto do tipo social, surgiu a par das grandes mudanças ocorridas na sociedade, durante a época moderna. Quando a sociedade começou a perceber que em vez de tender para um harmónico equilíbrio seria palco de lutas de classe e conflitos de poder, os trabalhos de pesquisa tiveram de se adaptar a esta realidade e estar atentos às características dos diferentes grupos sociais, propondo projectos de acção mais flexíveis, centrados sobretudo nas análises micros sociológicas da sociedade. Assim, os projectos sociais passaram a ser constituídos ao longo da acção, tendo em conta as racionalidades dos actores implicados. A autora refere-se a um tipo de metodologia participativa, que se orienta para a melhoria das práticas mediante a mudança e a aprendizagem, a partir das consequências dessa mudança. Os seus princípios orientadores são: a implicação de todos os sujeitos no processo como investigadores da própria acção; a capacitação e emancipação dos indivíduos e dos grupos e; a criação de condições de participação, de responsabilização no local, com as pessoas envolvidas, utilizando os recursos existentes nestas e desenvolvendo-os.

Como se pode ler no artigo de Ana Benavente, a «metodologia de investigação-acção permite fazer, obriga a fazer perguntas mais difíceis.» (1990, p.7). Na verdade, este procedimento implica uma visão mais focalizada/pormenorizada de determinado problema. Assim, durante a execução do projecto é natural que surjam uma complexidade de questões, para as quais se procura uma intervenção com vista a estrategear a sua mudança. Além disso, esta metodologia caracteriza-se por uma articulação de campos teóricos diversificados, o que se acredita ser uma vantagem pois permite a compreensão e análise da situação em causa, bases que são indispensáveis para uma acção adequada.

Acreditamos que a escolha de uma metodologia do tipo interventora facilita a pressão do grupo social para a mudança. Com todos os agentes envolvidos e motivados por uma causa única, é mais provável que as mudanças pretendidas ocorram.

Na investigação-acção, «a diferença não se situa nas técnicas de recolha de informação, que são as mesmas de qualquer pesquisa em ciências sociais, (...), mas antes nas formas que aqui assumem e nos modos como são tratadas as relações sociais de observação.» (Benavente, 1990, p.9).

IV. Fundamentação do Projecto

Diagnóstico

A cidade de Estarreja está em crescente fase de expansão, tem-se desenvolvido muito nos últimos anos e é cada vez mais notória a adesão, por parte dos pais, a recursos relacionados com a infância.

Numa entrevista realizada ao Vereador da Cultura e da Educação da Câmara Municipal de Estarreja¹, foi possível saber que existem diversas intervenções dirigidas à infância, sobretudo para crianças a partir dos três anos, como: os serviços da biblioteca infantil, actividades da hora do conto para as escolas, ateliês de expressão plástica, cinema e peças de teatro infantil, aulas de natação, escola de futebol, a existência de parques infantis públicos, etc.

Quando questionado acerca de actividades direccionadas para bebés dos zero aos três anos, foi possível perceber que esta faixa etária não tem sido considerada e na verdade não existe, nem está pensado para futuro, nenhum serviço no concelho destinado ao público mais novo.

Resultante desta entrevista e da observação directa realizada no terreno foi possível reconhecer a escassez nos serviços de atendimento à primeira infância, o que veio reforçar a preocupação inerente à natureza deste projecto e apelar à necessidade de uma estratégia de mudança a este nível.

A pesquisa realizada no terreno revelou que os parques infantis existentes não se encontram devidamente equipados com equipamento apropriado para crianças menores de três anos. Outro facto relevante constatado nesta pesquisa, debruçou-se sobre o serviço da Biblioteca Municipal, que segundo o Vereador da Cultura é de momento o serviço com maior adesão por parte da população mais nova do concelho. Embora, na Biblioteca Municipal exista uma sala infanto-juvenil, dedicada ao público mais novo, este espaço não se encontra direccionado para bebés. A biblioteca carece de um serviço destinado especificamente aos bebés, com mobiliário e materiais adequados à sua faixa etária, onde estes se possam movimentar, contactar com livros, brinquedos e usufruírem de actividades relacionadas com a promoção da leitura e escrita.

¹ Anexo I

Para além dos serviços de saúde destinados ao apoio da maternidade (centro de saúde e clínicas privadas), constatou-se também a inexistência de um serviço público de atendimento aos pais, que lhes possa oferecer apoio, aconselhamento e informação útil ao exercício da parentalidade.

Realizado o levantamento dos serviços e recursos existentes no meio do qual o projecto se insere, o estudo de diagnóstico prosseguiu no sentido de perceber até que ponto estas carências são sentidas pela população.

Sendo a população a que este projecto se refere famílias com bebés e crianças até aos três anos, nesta fase de diagnóstico, foi importante estudar uma amostra desta população-alvo.

Foi realizada uma pesquisa simples, com o objectivo de conhecer, de uma forma geral, as práticas de brincadeira intra e extra familiar das crianças até aos três anos e saber a opinião dos pais acerca da criação de um novo espaço pensado para estas idades. Escolheu-se questionar as famílias de crianças que já frequentam as instituições educativas (creches), por maior facilidade no contacto e por terem uma rotina e um estilo de vida mais comum ao que ocorre com a maioria das crianças nos dias de hoje.

O estudo foi realizado a partir da creche da Fundação Benjamim Dias Costa, em Avanca, por ser a instituição com maior número de bebés inscritos e que recebe crianças das diferentes freguesias do concelho.

A técnica de recolha de dados escolhida foram as entrevistas por questionário². Segundo Pardal (1995) esta é uma técnica barata, que garante o anonimato necessário para a autenticidade das respostas. Os inquiridos não precisam de responder de imediato e poderão escolher a hora mais adequada para o seu efeito. Como desvantagens o autor aponta o facto de não ser aplicável a analfabetos, o facto do inquirido poder ler todas as questões antes de responder, facilitando a resposta em grupo e serem frequentes os atrasos na sua entrega.

Consciente das vantagens e limitações deste instrumento, foi construído um questionário, com o objectivo de investigar três tipos de informações do ponto de vista didáctico e que poderiam ter relação com o brincar, favorecendo assim, uma discussão mais detalhada sobre o assunto.

² Anexo II

Para assegurar a qualidade das perguntas e para verificar se as respostas correspondiam à informação pretendida, foi realizado um pré-teste do questionário a cerca de 10 pais que não pertenciam à amostra seleccionada. Depois de realizadas as alterações necessárias ao instrumento, prosseguiu-se o estudo.

O universo considerado para a pesquisa foi o de pais com filhos de idades entre os três meses e os três anos. Utilizou-se um questionário com 15 questões, que foi preenchido em casa pelos pais, de 15 de Janeiro a 2 de Fevereiro de 2010.

Os questionários foram aplicados a uma amostra de 50 famílias, de diferentes classes sociais, com crianças a frequentar as cinco salas de creche.

Este estudo prévio, permitiu o levantamento de informações preliminares sobre o assunto. Em relação aos pais, o interesse era, sobretudo saber como entendiam o brincar, como era a sua participação nas brincadeiras, até que ponto acreditavam na importância do brincar para o desenvolvimento dos seus filhos e qual a sua opinião e expectativas acerca da eventual abertura de uma ludoteca no concelho. Em relação às crianças procurou-se sobretudo perceber os seus hábitos e rotinas de brincadeira e o tipo de estimulação que têm em casa.

Da análise dos dados recolhidos³ foi possível constatar que todos os inquiridos consideram o brincar uma actividade importante. O facto de ajudar no desenvolvimento dos bebés, o facto de os fazer feliz e de os ajudar fazer descobertas foram as ideias mais reforçadas. Em relação às vantagens da brincadeira intra familiar, apontam a ligação afectiva, o bem-estar de ambos, a confiança e o desenvolvimento da autonomia como as principais vantagens daí resultantes.

Os pais inquiridos afirmam dispor de algum tempo para brincar com os seus filhos e que têm frequentemente disposição e paciência para brincar com eles. É em casa, durante o fim-de-semana e no horário da tarde que normalmente se realizam estas actividades. Se dentro de casa, em princípio, a brincadeira é mais contida e socialmente mais reservada, talvez faça sentido pensar numa oferta de actividades que proporcionem mais contacto com o espaço exterior, em particular natureza, e convívio social mais alargado.

Perante a questão comparativa entre o brincar “do tempo dos pais” e o brincar actual dos filhos, a maioria considerou que hoje, os seus filhos brincam menos tempo com a família, comparativamente à sua própria infância. No entanto consideram que as crianças

³ Anexo III

de hoje dispõem de brinquedos mais ricos que os de antigamente. Segundo os inquiridos hoje os brinquedos têm mais qualidade, são mais bonitos, apelativos e são criados com o objectivo de estimular e desenvolver as diferentes capacidades das crianças. Embora prevalecesse esta opinião, esta questão foi a que reflectiu um maior desacordo. Houve um número significativo de pais que referiram o facto dos brinquedos de antigamente serem mais ricos do que os de hoje, por desenvolverem mais a capacidade de reflexão, criatividade e imaginação das crianças. Para um número significativo de pais, as brincadeiras do seu tempo convidavam a uma maior interacção com outras crianças e uma maior convivência com a natureza e o ar livre, o que hoje raramente acontece. Este aspecto permite-nos reparar na preocupação dos pais acerca do aspecto social da brincadeira. Os pais notam que os seus filhos têm menos espaço para brincar livremente com outras crianças, nomeadamente em espaço exterior, e que usufruem de pouco tempo diário para brincar com os pais.

Dos espaços existentes no concelho os parques infantis são os mais utilizados para passar os tempos livres juntamente com os seus filhos, no entanto este aspecto faz-nos pensar que é necessário repensar na organização destes espaços, já que normalmente não possuem equipamentos adequados para as crianças mais pequeninas.

Das suas respostas foi possível perceber que os pais apreciariam ter, para além dos espaços já existentes na comunidade, um espaço específico do qual os bebés e as suas famílias possam desfrutar. Todos os inquiridos consideraram a abertura de uma ludoteca uma ideia interessante por ser um serviço inovador na comunidade, que poderá permitir passar um tempo divertido em família e oferecer um serviço de qualidade favorável à aprendizagem e desenvolvimento dos seus filhos. No entanto, afirmaram que para que este projecto seja viável será necessário que o preço de entrada e o horário de funcionamento sejam bem equacionados e se adequem às suas possibilidades.

Após esta pesquisa, realizei com o apoio da equipa educativa da Fundação Benjamim Dias Costa, o primeiro Workshop para Pais e Filhos⁴, que decorreu no dia 26 e 27 de Março de 2010. Neste contexto, para além da organização de algumas actividades destinadas a pais e filhos (atelier de massagem para bebés, atelier de música e dança) promovidas no sentido de sondar a adesão da comunidade a este tipo de iniciativas, foram realizadas sessões de informação para toda a comunidade, tendo sido abordados assuntos

⁴ Anexo IV

relacionados com a primeira infância (sobretudo sobre os temas do brincar, da saúde e do desenvolvimento do bebé) e promovido o debate de ideias, com vista a recolher o máximo de informações para a compreensão desta realidade. Foi possível perceber no discurso dos educadores de infância e dos pais, sobretudo aqueles cujos filhos frequentam a creche desde os primeiros meses de idade, a necessidade de haver outras ofertas educativas para além da creche. Os pais gostariam, sobretudo, de poder contar com outras alternativas para realizarem com os seus filhos nos tempos de lazer, já que no horário de funcionamento da creche nem sempre têm disponibilidade para o fazer. Os ateliês que muitos experimentaram pela primeira vez foram alvo de elogios e desencadearam, nas famílias, a motivação para participarem em iniciativas deste género.

Estratégia

De acordo com os principais referenciais teóricos aprofundados neste trabalho, nos primeiros anos de vida de uma criança é fundamental a realização de actividades estimulantes e o contacto com ambientes educativos de qualidade, para que o seu desenvolvimento ocorra de forma adequada.

Com este projecto procura-se dar visibilidade a uma questão social, lutando para a evolução de mentalidades e a mudança de atitudes, procurando elucidar a comunidade, de que o brincar na primeira infância, é uma actividade fundamental, de direito e que deverá ser aproveitado da melhor forma, sobretudo tendo em conta o ritmo, as motivações e interesses das crianças. Para além das actividades realizadas em casa ou na creche, importa que a criança contacte desde cedo com uma diversidade de contextos, realizando novas descobertas e alargando conhecimentos, sendo que no caso de crianças que não frequentam a creche, ou de crianças e famílias mais vulneráveis, a existência destas oportunidades alargadas e diversificadas ganha mais significado.

Pretende-se criar um contexto rico em interacções e experiências facilitadoras de desenvolvimento. Um espaço destinado à exploração e descoberta por parte das próprias crianças, onde os pais estarão presentes e serão o apoio principal nestas conquistas. Tendo em conta as características de desenvolvimento da criança desde que nasce até aos três anos de idade, importa criar um espaço estimulante, equipado com material e equipamento adequado às diferentes necessidades da criança nas diferentes fases de desenvolvimento.

Este espaço será pensado e construído tendo em conta a perspectiva dos próprios pais e de especialistas da área da educação e desenvolvimento infantil.

A estratégia a seguir na realização deste projecto, consiste numa metodologia de trabalho, que concilie momentos de actividade livre da criança e momentos de brincadeiras partilhadas com os pais, apoiadas por profissionais de educação e da infância.

A ludoteca idealizada será um espaço onde pais e bebés, poderão brincar livremente, experimentar novos materiais, realizar novas descobertas, contactar e conviver com outras famílias. Além disso, num espaço como este, as famílias também poderão usufruir de actividades orientadas para o estímulo desenvolvimental da criança e para o aprender a brincar, aí encontrando apoio, informação e aconselhamento caso o desejem.

Previsões

Perante o diagnóstico da realidade do concelho de Estarreja, acredita-se que é necessário dotar a comunidade de programas pensados para crianças mais novas com vista a enriquecer as ofertas já existentes, a garantir a implementação do direito a brincar e a mobilizar a comunidade para uma participação mais activa nas actividades sociais locais.

A criação de uma ludoteca pretende ser um projecto inovador na comunidade que tem como finalidade proporcionar momentos lúdicos das crianças com as suas figuras de apoio e referência, os pais, respeitando-se a sua individualidade e promovendo a aquisição de novos conhecimentos e competências.

Actualmente e segundo as referências de Solé (1993) a ludoteca apresenta-se como uma solução comunitária para combater a indiferença da sociedade perante a actividade do brincar, sendo um espaço onde pais e filhos se podem encontrar, onde as crianças podem fazer novos amigos e onde os pais se podem relacionar com outros pais, num ambiente não profissional e descontraído.

Resultante da crise económica e do consequente desemprego, muitas famílias encontram-se hoje, com dificuldades nos cuidados e na educação dos seus filhos. No concelho de Estarreja o programa Intervenção Precoce tem tido cada vez mais um papel mais activo nesta comunidade. Este programa, como refere Cruz (2003) consiste na prestação de serviços educativos, terapêuticos e sociais a crianças em risco e suas famílias, com o objectivo de minimizar os efeitos nefastos ao seu desenvolvimento. Neste projecto,

a equipa de Intervenção Precoce de Estarreja será um parceiro principal, uma vez que trabalha com bebés e crianças até aos três anos, que necessitam de um apoio mais específico e de uma estimulação mais qualificada.

Um serviço social como esta ludoteca deve incorporar a participação como um valor essencial, como uma expressão de democracia e como um meio de combater a exclusão social. Desta forma, as famílias mais carenciadas do concelho de Estarreja serão destinatários principais deste serviço.

Quando as famílias experimentam múltiplas dificuldades no seu quotidiano, a vinculação afectiva e o estímulo necessário ao desenvolvimento da criança ficam comprometidos. Estas crianças vivem normalmente confinadas à sua habitação, têm menos contactos sociais e menos acessos a espaços alternativos para brincar. Assim, acredita-se que este projecto contribuirá para potenciar a igualdade de oportunidades no acesso a serviços de qualidade, ensaiar novas estratégias de participação social e, ao mesmo tempo, contribuir para o enriquecimento local e melhoria da qualidade de vida destas crianças.

A gratuidade no acesso a este serviço, assim como a possibilidade de usar e requisitar materiais na ludoteca, poderá ser um meio para que famílias economicamente mais débeis usufruam de brinquedos de qualidade e apropriados à faixa etária da criança. Além disso, e concordando com a ideia de Solé (1993), o sistema de empréstimo pressupõe aos utentes uma aprendizagem sobre o respeito social de um bem compartilhado, o que é fundamental para combater o individualismo e a super valorização da propriedade privada tão vulgar nos dias de hoje.

Também na esfera familiar, este espaço desempenhará uma acção importante, na medida em que pode reavivar a brincadeira e o jogo no seio familiar, traduzindo-se numa melhoria de relações entre gerações, principalmente entre pais e filhos.

Embora se peça aos pais responsabilidades sobre a educação dos filhos, nem sempre lhes são oferecidas possibilidades de formação nem de orientação nessa difícil tarefa. Num espaço como a ludoteca, os pais poderão usufruir de uma acção colectiva de formação, conviver com outros pais e crianças, conhecer e requisitar material, participar em brincadeiras livres e em outro tipo de actividades dinamizadas por especialistas na área da infância. Este envolvimento contribuirá para conhecerem melhor os seus filhos, para verem esclarecidas questões de parentalidade e para protagonizarem uma melhor educação familiar.

Também em relação à escolha sensata dos brinquedos a ludoteca poderá ser útil, orientando os pais quanto às suas qualidades materiais, formativas e educativas. Influenciados, muitas vezes, pela manipulação publicitária que hoje nos é oferecida e pelos caprichos momentâneos dos filhos, os pais acabam por comprar brinquedos que nem sempre são os mais adequados, o que origina muitas vezes o desperdício, deixando rapidamente de ter interesse para as crianças.

Na ludoteca qualquer criança pode ter acesso a brinquedos, jogos, livros, entre outros materiais adequados à sua faixa etária. Muitas crianças poderão contactar com materiais inovadores, que dificilmente teriam possibilidade de os ter de outra forma. Além disso, neste espaço, poderão participar em actividades lúdico-pedagógicas (na área da dança, música, teatro, expressão plástica, etc.) organizadas por técnicos especializados, para além de brincar e interagir com familiares e com outras crianças da mesma idade.

O concelho de Estarreja carece também de um local onde os pais possam recorrer para dialogarem, partilharem experiências com outros pais e terem acesso a informação e formação relacionada com a parentalidade. O projecto da ludoteca familiar procura assim ter também uma vertente formativa, onde pais possam conviver com outras famílias, partilharem experiências, exporem dúvidas, reflectirem sobre as práticas educativas dos seus filhos e ainda poder adquirir novas competências através da participação em conferências e workshops dirigidos por convidados especializados. Ao utilizar este espaço, os pais poderão brincar com o seu filho e conhecê-lo melhor, conhecerão materiais didácticos de qualidade para as diferentes faixas etárias da criança e terão ao seu dispor um programa de sessões formativas e de debate, tendo por base as seguintes temáticas: desenvolvimento infantil, saúde, higiene e segurança infantil, alimentação, etc.

Ao intervir ao nível das práticas de brincadeira dos bebés, procurando uma gestão de tempos de qualidade e convívio intra e extra familiar, acreditamos que estaremos também a contribuir para a melhoria das condições sociais, uma vez que estaremos dessa forma a contribuir para educar futuros cidadãos criativos, solidários e democráticos.

V. Apresentação do Projecto

Objectivos

Pretende-se com este trabalho, projectar um espaço de brincar, destinados a pais e filhos, em que estes possam usufruir de um tempo de qualidade, de descontração, sem preocupações ou pressas, um espaço onde ambos possam partilhar experiências, desenvolverem actividades conjuntas e envolverem-se em brincadeiras espontâneas. Pretende-se ainda que este espaço tenha um carácter formativo e de apoio social a todas as famílias mas, com particular atenção às mais vulneráveis.

Tendo em conta o papel preponderante dos momentos de brincadeira das crianças e a importância que têm no seu desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional definem-se os seguintes objectivos gerais para este projecto:

- Respeitar os Direitos da Criança, defendendo o Direito de Brincar e Jogar, de acordo com 31º artigo da Convenção dos Direitos da Criança;
- Reavivar práticas de brincadeira infantil nos tempos de lazer dos adultos;
- Melhorar o desenvolvimento das relações e dos valores convencionais intra e inter familiares;
- Incentivar o brincar, o convívio e o enriquecimento das relações humanas;
- Construir um contexto lúdico, onde pais e suas crianças possam experienciar e desenvolver actividades conjuntas, geradoras de bem-estar emocional e desenvolvimento de competências;
- Proporcionar suporte e informação pertinente para o exercício adequado da parentalidade;
- Envolver a comunidade no projecto Ludoteca para Pais e Filhos, assumindo esse espaço ludoteca como um espaço necessário e importante no quotidiano.

Localização

O concelho de Estarreja encontra-se situado na Região Centro do país, na Beira Litoral. Constitui parte integrante da Sub-região do Baixo Vouga, localizando-se na zona NW da NUT II – Região Centro, que é constituída por 12 concelhos.

Integra os 19 concelhos que pertencem ao Distrito de Aveiro, estando enquadrado pelos concelhos de Ovar (Norte-Noroeste), Aveiro (Sul), Murtosa (Oeste), Oliveira de Azeméis (Nordeste) e Albergaria-a-Velha (Este-Sudeste).

Segundo os dados do CLAS- Conselho Local de Acção Social de Estarreja (2006) Estarreja é um concelho com 108,2 km² que se distribuem por 7 freguesias: Avanca; Beduído, Canelas, Fermelã, Pardilhó, Salreu e Veiros.

Em 2001, altura dos últimos censos, o concelho tinha uma população residente de 28182 indivíduos, o que equivale a uma densidade populacional de 260,5 habitantes/km². A maior concentração de população verifica-se na sede do concelho, Beduído, seguida da freguesia de Avanca.

A actividade principal no concelho é predominantemente industrial, embora a agricultura continue a ocupar uma parte importante dos seus habitantes.

Nos últimos anos, com o encerramento de várias fábricas na região, tem vindo a crescer o número de desempregados e consequentemente os que vivem do subsídio de desemprego e do rendimento mínimo garantido. Em consequência disso verifica-se um aumento de problemas de segurança e de marginalidade social.

As vulnerabilidades mais presentes no concelho relacionam-se também com o baixo nível de instrução da população, com as elevadas taxas de abandono escolar e as baixas expectativas em relação à escola. Esta realidade reflecte a necessidade de se investir numa maior oferta formativa, sobretudo no âmbito da educação de adultos e ao longo da vida.

Por todas as freguesias tem crescido as zonas económico-sociais de risco, com problemas diversos de carácter social. A Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Estarreja, tem no terreno uma Equipa de Intervenção Precoce, composta por psicólogos, educadores, assistentes sociais. Esta medida de apoio integrado centrado na criança e na família, apoia actualmente cerca de 35 famílias com crianças menores de três anos, sinalizadas por risco ambiente (sócio familiar) e risco biológico. Este apoio é dado a nível domiciliário e através das Instituições de Solidariedade Social existentes na comunidade.

Perante esta realidade, acredita-se que o projecto da ludoteca para pais e filhos, poderá, eventualmente, vir a ser um parceiro deste programa de apoio às famílias socialmente mais vulneráveis. Não só pela possibilidade de oferecer mais apoio técnico e formação parental, mas também pelo facto das famílias sinalizadas poderem desfrutar do espaço e poderem requisitar e usufruir de material específico para estimular as diferentes necessidades do seu bebé.

Como pontos fortes, no concelho de Estarreja, últimos anos, têm sido postas em prática medidas de apoio e incentivo à formação e escolarização, têm sido criadas mais políticas de planeamento direccionadas para a expansão e requalificação dos espaços e desenvolvidas fortes parcerias no âmbito do desenvolvimento sustentável, quer a nível ambiental, económico e social.

Além disso, tem a vantagem de ser uma área territorial de fácil acesso, com proximidade com os principais eixos rodoviários e com outros centros em desenvolvimento e crescimento (Albergaria, Águeda, Oliveira de Azeméis, Aveiro, Cacia, Ovar).

O local pensado para a construção da ludoteca, tem em vista o aproveitamento e a renovação de um espaço já existente no concelho: a escola primária da Bandeira, situada na freguesia de Avanca⁵.

Segundo a carta educativa do concelho de Estarreja esta escola deixará de estar activa em 2011, devido ao planeamento de construção do novo centro escolar de Avanca. Atendendo a que é um edifício antigo, que se encontra ainda em bom estado de conservação, a transformação deste espaço numa ludoteca, permitirá a preservação de um património tão querido na comunidade. É uma forma de tornar o projecto viável a nível económico e de renovar um espaço que é de todos e que de futuro se encontrará sem utilidade para a comunidade estarrajense, como acontece com algumas das antigas escolas primárias por todo o país.

A antiga escola primária da Bandeira é um edifício de fachada tradicional. Possui dois andares e tem como espaços: dois halls de entrada, quatro salas de actividade e quatro casas de banho. A área exterior é arborizada, tem um campo de jogos e um parque infantil.

A sua localização geográfica é favorável. É um sítio calmo, recatado mas de fácil acesso. Situa-se muito próximo da estrada nacional 109 (a principal estrada que atravessa

⁵ Anexo V

as freguesias do concelho), da A1 e A29 que liga o concelho às grandes áreas urbanas (Porto e Aveiro) e tem também por perto uma das paragens de autocarro.

Pretende-se aproveitar a maioria dos recursos já existentes, visto que resultaram de um trabalho de restauro recente e se encontram em bom estado de conservação. No entanto será necessário fazer algumas adaptações, sobretudo equipando o espaço com estruturas acessíveis a bebés: criando a zona de fraldário, construindo rampas de acesso ao edifício e ao piso superior, etc. Outro aspecto a ter em atenção é a decoração do espaço, que deverá ser alegre, estimulante e com imagens ao gosto das crianças.

Na ludoteca idealizada, pais e filhos podem encontrar uma grande variedade de ambientes e áreas de exploração lúdica diferentes e acreditamos que esta escola oferece espaço suficiente para criar uma sala de psicomotricidade, uma sala das histórias e do faz de conta, uma sala das expressões (plástica, musical, dramática) e o aproveitamento do espaço exterior para contacto com a natureza e dinamização de diversas brincadeiras.

Metodologia

Como pressupostos metodológicos, este projecto baseia-se na ideia de que todos os seres humanos possuem e podem reproduzir conhecimentos úteis para a reorganização da sua vida e da vida das suas comunidades. Assume-se ainda que a realidade em que vivemos é um bom ponto de partida para uma reflexão crítica que, por sua vez, poderá ser útil e emancipadora ao permitir a participação na análise e na tomada de decisões, o que favorece a responsabilização e o empenhamento na sua concretização.

Como Serrano refere «a metodologia tem um papel fulcral no desenvolvimento de qualquer projecto, dado que proporciona as ferramentas, as técnicas e, em suma, os métodos mediante os quais tentamos transformar a realidade a fim de a melhorar» (1997:47).

A primeira parte do projecto, apresentada neste trabalho, centrou-se, sobretudo, na tarefa de realizar uma análise e um diagnóstico da realidade do meio social. Procurou-se identificar e tornar visível a existência de uma questão social específica, para o qual a comunidade parece estar sensível e interessada no seu desenvolvimento. Através do desenho de uma planificação estratégica aberta, é apresentada uma proposta de

intervenção, que no decorrer da sua execução deverá crescer com todos os contributos da comunidade estarrajense.

Espera-se que o projecto desencadeie um envolvimento da comunidade e que ajude a identificar problemas e a pensar em acções para os transformar. Será por isso necessário desenvolver um trabalho em parceria, que poderá ser facilitado através de várias estratégias: diálogos, organização de actividades sociais e culturais, entrevistas, reuniões, debates, etc.

Assim, no decorrer do desenvolvimento deste projecto acredita-se ser necessário adoptar uma metodologia participativa, colaborativa, activa, didáctica, flexível e orientada para os interesses e melhoria da realidade.

A metodologia de investigação-acção participativa será a mais adequada para a execução do projecto da ludoteca. É fundamental tirar partido do duplo objectivo desta metodologia, que é o de investigar, no sentido de compreender melhor os problemas que afectam a realidade em que vivemos e agir, no sentido de mudar a realidade.

Planificação

Ao recorrer a uma metodologia participativa, todas as pessoas envolvidas no projecto podem produzir conhecimentos úteis, tanto para a sua vida como para o desenvolvimento do projecto na comunidade.

Pretende-se, por isso, planear actividades que estimulem a consciência crítica da comunidade envolvida, sobretudo nas famílias, privilegiando a convivência e a participação em actividades conjuntas, que promovam a troca de experiências, conhecimentos e o debate de assuntos de interesse comuns.

A intervenção educativa na ludoteca estará sempre relacionada com o brincar. Ao disponibilizar um espaço onde pais e filhos podem brincar livremente e participar em actividades orientadas por especialistas, cada família terá a possibilidade de conhecer melhor o seu bebé, perceber melhor as etapas do seu desenvolvimento, detectar com ajuda dos profissionais eventuais problemas e aprender a realizar actividades estimulantes, promotoras de desenvolvimento. Para além das actividades livres, onde poderão desfrutar dos equipamentos e materiais disponibilizados no espaço, que estará aberto durante todos

os dias da semana, as famílias poderão participar, uma vez por mês, em algumas actividades orientadas, a decorrer ao fim de semana ou em horário pós laboral.

1. Ateliês lúdicos para pais e filhos (limite de 15 inscrições por sessão)

Actividade	Calendarização	Recursos Humanos	Recursos Materiais	Recursos Financeiros
Música para bebés	Junho	Músicos ou Professores	Instrumentos musicais, aparelhagem, cds.	Inscrição prévia dos participantes Orçamento anual do projecto Patrocínios
Dança e Movimento	Julho	Monitores, educadores ou fisioterapeutas.	Material de psicomotricidade	
Histórias e Teatros	Agosto	Animadores ou educadores	Fantoches Livros Infantis Tela, projector	
Brincadeiras sensoriais	Setembro	Educadores, psicólogos ou pediatras	Brinquedos e jogos educativos	
Expressão Plástica	Outubro	Educadores ou Animadores	Tintas, massa de modelar	

2. Actividades de Formação (limite de 20 inscrições por sessão)

Actividades Temáticas	Calendarização	Recursos Humanos	Recursos Materiais	Recursos Financeiros
Desenvolvimento Infantil	Junho Julho	Educadores, Pediatras, Psicólogos	Computador Projector Telas Cadeiras	Inscrição prévia dos participantes
Saúde Infantil	Julho Agosto	Pediatras, Enfermeiros		Orçamento anual do projecto
Segurança Infantil	Setembro Outubro	Enfermeiros		
Educação Infantil	Novembro Dezembro	Educadores de Infância, Investigadores		Patrocínios

Avaliação

A avaliação tem de fornecer informação que permita determinar a adequação de algo relativamente a um objectivo. Assim, fica claro que só pode resultar de um processo de investigação que produza o conhecimento necessário para a averiguação em questão. No caso de um projecto como este pretende-se que a avaliação seja contínua, participativa, democrática e prospectiva, ou seja que olhe para o futuro, tendo em consideração o passado e o presente.

Uma das referências a citar, é o modelo construtivista de Guba e Lincoln (1982, cit. Serrano 1997), que defende a abordagem a uma avaliação interpretativa, hermenêutica, que responde às reivindicações, preocupações e questões polémicas dos que de alguma forma estão envolvidos no projecto e que por visar construções conjuntas, não é controlada exclusivamente pelo avaliador.

Este tipo de avaliação qualitativa, focaliza sobretudo a atenção no processo. A avaliação extraída da implementação do projecto, serve realmente para os problemas e questões que vão aparecendo, oferecendo um diagnóstico mais completo da realidade. No decorrer da execução do projecto da ludoteca será necessário avaliar os resultados, simbólicos e materiais, tendo como referência as necessidades, desejos, os recursos e os obstáculos, assim como os resultados inesperados e significativos que surjam durante o processo. Neste projecto, a avaliação será feita sempre que for necessária ou solicitada por motivos externos/formais mas, necessariamente, será feita de forma contínua, através da observação *in loco* das actividades (livres e orientadas), já que há aspectos que só no local e no próprio momento da ocorrência podem ser bem apreciados e interpretados. Prevê-se uma avaliação mensal levada a cabo pela equipa do projecto e tendo como referência as informações e sugestões apresentadas pelas famílias e pelos profissionais envolvidos no projecto. Para isso, recorrer-se-á a diferentes técnicas, tais como: observação participante, conversas informais, reuniões com debate de ideias, realização de entrevistas, preenchimento de questionários, aplicação de instrumentos específicos de avaliação julgados pertinentes, etc.

Os princípios da investigação participativa defendem que é na consistência e na coerência das descrições que reside a veracidade narrativa. Quando se trata de um procedimento de avaliação, o factor do rigor é fundamental. No entanto, o rigor não se

confinar apenas à matemática e ao controlo das variáveis. Neste tipo de projecto, interessa outro tipo de rigor: o dos conceitos e dos quadros de referência e o rigor da intersubjectividade. Acredita-se que o estudo, através de uma metodologia de carácter qualitativo é de privilegiar pois, ao facilitar um conhecimento em profundidade sobre a realidade, ajudará na planificação de metodologias quantitativas mais adequadas, que irão permitir uma visão mais abrangente de todas as necessidades do projecto.

Para perceber se a ludoteca é um espaço que corresponde às necessidades, interesses e desejos dos utentes, acredita-se ser necessário que os bebés e as crianças estejam contemplados na tarefa da avaliação do projecto. Importa observar a forma como as crianças realizam as actividades, os materiais que escolhem, a sua variedade de movimentos, a forma como se relacionam com os outros, com o espaço, os indicadores de implicação e de bem-estar físico e emocional, etc. Para além de um exercício de observação constante e sistematizada com as crianças durante o seu brincar livre ou na participação das actividades com os seus pais, será importante recorrer também a alguns instrumentos de auxílio, que permitam o consolidar de informações e a previsão de mudanças, desde que obtida a concordância dos pais para a sua aplicação.

Prevê-se a observação dos níveis de bem-estar e de implicação dos bebés e crianças muito pequenas, na linha da abordagem experiencial de Laevers (2005). A escala SICS (Ziko) *Well-Being and Involvement in Care a Process-Oriented Self-Evaluation Instrument for Care Settings*⁶, permite avaliar o nível de bem-estar e envolvimento da criança nas actividades que realiza, ou seja, permite saber se as actividades que a criança realiza correspondem aos seus interesses e necessidades e são significativas, enquanto novas experiências de aprendizagem. Baseia-se no pressuposto de que o envolvimento pode ser reconhecido através dos sinais que são expressos no momento em que a criança realiza a actividade, como: concentração; energia física e mental; complexidade e criatividade; expressão facial e postura; persistência na actividade; precisão nas acções; tempo de reacção aos estímulos, comentários verbais e satisfação. Os dados recolhidos poderão ser pertinentes para considerar a adequação ou não das actividades, dos materiais existentes, da organização do espaço, etc.

⁶ Anexo VI

Outro instrumento de apoio será a escala *ITERS-R- Infant and Toddlers Environment Rating Scale*⁷, de Harms, Cryer, Clifford (2003), adaptada ao contexto ludoteca. Esta escala aborda os vários elementos que compõe a qualidade de uma proposta pedagógica para crianças até aos 30 meses, em contexto de creche. É composta por sete sub-escalas (Mobiliário e disposição dos materiais; Rotinas e cuidados pessoais; Linguagem Oral e compreensão; Actividades, Interação; Estrutura do programa e Pais e equipa.) que permitem analisar os elementos e a organização do ambiente em que decorre um programa. Poderá ser importante para compreender a viabilidade da organização do espaço e proceder a alterações que sejam necessárias.

Num espaço como a ludoteca, seria interessante utilizar uma metodologia de avaliação semelhante à dos programas Víde Home Training/Vídeo Interaction Guidance (VHT/VIG)⁸ ou Marte Meo (2010), este da autoria de Maria Aarts, e hoje desenvolvidos em diversos países. A principal característica destes programas é o facto de recorrerem à metodologia vídeo para análise das interacções entre bebés e pais num determinado espaço de acção. Consiste em realizar pequenas gravações, captadas em situações normais de interacção e posteriormente analisá-las e discuti-las em conjunto, com vista a compreender as necessidades específicas das crianças até aos três anos, a adequação do espaço à interacção familiar e de forma a reconhecer diferentes possibilidades de estímulo adequado. Este método de observação, além de fornecer dados importantes para a melhoria dos serviços da ludoteca, poderá ser uma ferramenta útil no trabalho de parceria com as famílias mais vulneráveis e com a equipa de Intervenção Precoce. A gravação das interacções entre a díade, poderão servir de instrumento de análise, debate e informação para diversos assuntos relacionados com a prestação de cuidados de qualidade na criança.

Para além da avaliação continuada do funcionamento do projecto será também necessário avaliar o uso adequado dos recursos financeiros, fazendo análises de custo-benefício e de custo-eficácia.

⁷ Anexo VII

⁸ Anexo VIII. No âmbito da Estrutura de Intervenção Precoce (IP) de Aveiro – resultante da articulação dos Ministérios da Saúde, Segurança Social e Educação, Hospital Infante D. Pedro, Universidade de Aveiro e Associação Nacional de Intervenção Precoce (ANIP) – está em curso uma investigação-acção que visa promover competências relacionais em IP através do método Víde Home Training/Vídeo Interaction Guidance (VHT/VIG). Advogando-se na IP uma abordagem centrada na família, focalizada nas relações, baseada nas forças, ecológica e reflexiva, o método VHT/VIG, procura promover através do vídeo feedback, a consciencialização e o potenciar das comunicações básicas nas famílias, crianças e profissionais.

VI. Execução do projecto

Para a execução de um projecto social, é necessário o envolvimento e o apoio da comunidade envolvente. A viabilidade deste projecto conta com o envolvimento da comunidade na captação de recursos financeiros, no desenvolvimento de parcerias e na dinamização de todo o projecto. Prevê-se a duração de doze meses para execução deste projecto. Através do Diagrama de Gantt é apresentado o mapa das principais tarefas de execução do projecto e a cronologia prevista para cada etapa a seguir.

Tarefas \ Mês	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Negociar as decisões políticas favoráveis à realização do projecto.												
Captação de recursos financeiros e materiais.												
Definição da equipa de trabalho e definição de responsabilidades.												
Escolha e compra de material didáctico, mobiliário e outro equipamento.												
Elaboração de material de apoio técnico e administrativo a ser utilizado												
Realização de obras (restauro, decoração e adaptação do espaço interior e exterior às necessidades do projecto)												
Mobilar e equipar o espaço interior e exterior												
Abertura do espaço à comunidade												
Dinamização dos ateliês lúdicos												
Dinamização de actividades de formação de adultos (workshop, debates, acções de formação, etc.)												

Previsão de recursos

Recursos Humanos

Enquanto projecto de intervenção comunitária, a comunidade estarrajense será o principal recurso, colaborando em todos os aspectos da vida do serviço, desde a gestão, à organização do espaço e planificação de actividades, à avaliação.

O projecto poderá contar com a colaboração dos utentes do serviço mas também de outras pessoas voluntárias. O voluntariado poderá ser uma forma de fomentar a entreaajuda comunitária, promover a coesão social e reduzir a exclusão social na sociedade estarrajense.

Para um bom funcionamento da ludoteca, é importante apostar numa equipa profissional qualificada para trabalhar com crianças da faixa etária dos zero aos três anos: pessoas com formação específica sobre o desenvolvimento e particularidades da criança desta idade, capazes de estabelecer parcerias com as famílias, pessoas alegres, afectivas, dinâmicas, que incentivem e orientem as crianças a explorar o espaço e os objectos.

De seguida é apresentado o quadro com os recursos humanos a serem solicitados para a execução do projecto:

Actividades/Competências	Categoria	Nº de postos
<ul style="list-style-type: none">• Elaborar, coordenar e apoiar nas actividades lúdicas• Adquirir, gerir e fazer a manutenção do material lúdico• Oferecer apoio genérico a pais/famílias, via informação e aconselhamentos vários.	Educador de Infância	2
<ul style="list-style-type: none">• Limpeza dos espaços e equipamento interior e exterior	Assistente de serviços gerais	1
<ul style="list-style-type: none">• Proceder ao atendimento ao público• Organizar e manter a documentação actualizada• Preparar elementos necessários à elaboração do orçamento	Assistente técnico de secretaria	1

Recursos Materiais

Para que os brinquedos representem desafio para a criança devem estar adequados ao seu interesse, às necessidades e às capacidades da etapa de desenvolvimento em que ela se encontra. Atendendo à faixa etária deste projecto, todos os materiais e equipamentos utilizados serão escolhidos de forma a promover a autonomia, identidade e socialização das crianças.

A faixa etária dos zero aos três anos é propícia para os estímulos sensoriais. Nesta fase a criança recebe informações através dos sentidos, daí a importância na escolha de brinquedos, mobiliário e equipamento que apelem à estimulação sensorial. Brinquedos de diferentes dimensões, cores, texturas, com sons e luzes e que convidem à exploração e movimentação no espaço. Ter-se-á especial atenção na escolha de materiais resistentes, laváveis, com qualidade no design, de cores e detalhes atraentes.

Pretende-se que as crianças explorem uma diversidade de espaços aconchegantes, prazerosos e desafiadores, no qual aprendam coisas novas.

Na sala de psicomotricidade será possível encontrar material como colchões, rampas, piscina de bolas, bolas de diferentes dimensões, texturas e cores, túneis, escorregas, trampolins e outros materiais de uso colectivo. A sala das histórias deverá estar equipada com livros, fantoches, zona com palco para a hora do conto, tela para a projecção de imagens e filmes. A sala do faz de conta, deve reflectir um ambiente familiar, com mobiliário e equipamentos usuais de uma casa, com bonecas, roupas e acessórios de disfarce. A sala das expressões estará dividida em três áreas, uma destinada à expressão plástica com mesas, cadeiras, cavaletes e o restante espaço mais amplo e com material amovível para poder realizar actividades de música, dança, etc. O espaço exterior será um dos mais investidos, envolvendo um espaço verde, com relva, flores, árvores, areia, terra, água, etc. Pretende-se evitar o espaço de recreio clássico e pré-figurado e apostar nas ideias vanguardistas europeias, de construir um espaço com diversas áreas temáticas, que permita o contacto com a natureza, desenvolvendo ao mesmo tempo o imaginário da criança. Um espaço propício ao convívio, à livre exploração e à experimentação. Contando com a participação dos pais este espaço será susceptível de ser alterado frequentemente em função dos interesses identificados nas crianças.

Prevê-se ainda oferecer uma cafetaria de apoio aos utilizadores.

Recursos Financeiro

Um projecto social como este poderá ter o seu financiamento com base nos serviços que oferece mas sobretudo, através do desenvolvimento de parcerias. Existem vários parceiros que poderão apoiar o projecto, são eles: Município de Estarreja, Junta de Freguesia de Avanca, Indústria local, Comércio local, Segurança Social, Instituto de Emprego e Formação Profissional, Associação Nacional de Intervenção Precoce, Instituto de Apoio à Criança, Fundação Calouste Gulbenkian, Associação Portuguesa de Ludotecas, Universidade de Aveiro, Marcas e fornecedores de materiais para criança, etc.

Prevê-se ainda parcerias pedagógicas com as instituições sociais, associações recreativas e culturais, escolas, etc.

Como um dos principais objectivos deste projecto é o envolvimento parental pretende-se que estes participem, dentro das possibilidades de cada um, na construção dos espaços de recreio, na construção de cenários, na organização de eventos para angariações de fundos monetários, etc.

Análise do Investimento e exploração do projecto

Pressupostos do investimento

		Preço plunid.	Total
Obras	Orçamento previsto (tendo em conta as obras de restauro realizadas recentemente no espaço)	5.000€	5.000 €
Mobiliário Infantil	4 mesas pvc coloridas	100€	400€
	16 cadeiras pvc coloridas	70€	1.120€
	4 Móveis/ Estante (madeira)	300€	1.200 €
Material didáctico	Brinquedos, materiais e equipamentos didácticos	5.000€	5.000 €
Material informático	1 computador	400€	400€
	1 impressora com fotocopiadora e fax	100€	100 €
Equipamento sanitário para criança	2 sanitas para criança	100€	200€
	1 banheira pequena	300€	300 €
	1 fraldário	150€	150 €
Total Anual			13.870 €

Pressupostos das receitas

		Lucro mensal	Lucro anual
Admissão de utilizadores	Taxa de 5 euros por entrada ⁹	250 €	3.000 €
Admissão de sócios	Taxa de 20 euros por mês (entrada livre)	125 sóc.	2.500 €
Inscrição nos ateliers	Taxa de 10 euros por sessão (1/ mês)	150 €	1.800 €
Inscrição nas formações	Taxa de 30 euros por formação (1/ mês)	600 €	7.200 €
Patrocínios			8.000 €
Parcerias			20.000 €
Eventos a realizar		1150 €	13.800 €
		Total Anual	56.300 €

Pressupostos das despesas

		Despesa mensal	Despesa anual
Custos com pessoal interno	2 Educadoras de Infância	1.400€	19.600€
	1 Assistente de Serviços Gerais	600€	8.400€
	1 Assistente técnico de Secretaria	700€	9.800€
Custos com os técnicos convidados	2 Técnicos por mês (ateliers e formações)	100€	1000€
Gastos gerais	Electricidade	32€	384€
	Combustíveis	29€	348€
	Comunicação	49€	588€
	Sistema de segurança		460€
	Limpeza	55€	660€
	Material de escritório	25€	300€
	Publicidade	20€	240€
		Total Anual	41.780€

⁹ Isenção de taxa para famílias carenciadas

Cash-Flow = Receitas - (Investimento + Despesas)

Cash-Flow= 56.300 - (13.870 + 41.780)

Cash- Flow acumulado = 650 €

Esta análise, embora simplificada, serve de ensaio para constatar a viabilidade económica do projecto no seu primeiro ano de funcionamento. No entanto, para manter a sua viabilidade e garantir o funcionamento do espaço nos anos posteriores, será necessário fazer um controlo rigoroso e estatístico da frequência do público, dos empréstimos e das adesões aos serviços prestados. Além disso, é fundamental construir um relatório anual das actividades realizadas na ludoteca e dos investimentos aí realizados, analisando a sua adequação ao orçamento previsto e apresentando novas pesquisas e propostas orçamentais.

VII. Considerações finais

Assumindo que, quanto mais amplo e estimulante for o espaço e quanto mais possibilidades as crianças muito pequenas tiverem para interagir, brincando com outras crianças e, sobretudo, com as suas figuras de referência (normalmente os pais), mais ricas serão as suas vivências e melhor será potencializado o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem.

Nesta perspectiva, há que ter em conta que o futuro das crianças, as suas vontades e necessidade de brincar são determinadas pelas condições oferecidas pela sociedade em que vivem e pelo contexto em que se inserem.

À medida que os adultos, pelo exercício da cidadania, se tornam fundamentais na determinação do contexto no qual as crianças estão inseridas, cabe a cada um a vontade e a acção para lhes garantir a oportunidade de brincar com qualidade.

Neste sentido, a elaboração deste projecto assume especial importância, uma vez que visa lidar com uma situação social, procurando criar espaços e tempos para precocemente se estimular o estreitar das relações de pais e seus bebés, mediados pela acção de brincar. Naturalmente, há que ter em conta que um projecto deste tipo, não resolve o problema sozinho, nem para sempre, sendo importante valorizar continuamente o diálogo, a capacitação e as diferentes perspectivas, de forma a mobilizar toda a comunidade num objectivo comum: a melhoria da sua qualidade de vida e das suas crianças.

Assim nasceu este projecto, movido pela preocupação acerca da falta de iniciativas promotoras de um brincar de qualidade na primeira infância e motivado pela esperança de melhorar, juntamente com a população, o tempo, o espaço e a forma como ocorre esta actividade. Este trabalho teve como principal objectivo aprofundar os conhecimentos a respeito de uma importante questão relacionada com a infância, o brincar e, através dele contribuir para a sua melhoria, apresentando um plano de execução de uma ludoteca.

Espera-se que com esta pesquisa, ainda que simples devido à escassez de tempo disponível para realizar um trabalho de investigação social, se tenha feito um diagnóstico prévio da realidade que permita o conhecimento de informações importantes sobre a actividade lúdica realizada pelas crianças mais novas do concelho de Estarreja, procurando uma intervenção activa e participativa, que vise a promoção e a melhoria de serviços relacionados com o brincar.

Tendo em conta que os projectos sociais participativos são multiplicadores, acredita-se que ao longo da sua execução serão identificadas novas necessidades, gerados novos objectivos e consequentemente novas ideias, novos projectos.

Como qualquer projecto não se dá este trabalho por finalizado mas sim aberto a outras ideias, sugestões e alterações.

VIII. Referências Bibliográficas

- Ander-Egg, Ezequiel e Idães, Maria. 1999. *Como Elaborar um Projecto: guia para desenhar projectos sociais e culturais*. Lisboa: Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social.
- Araújo, Maria. 2009. *Crianças Ocupadas: Como algumas opções erradas estão a prejudicar os nossos filhos*. Lisboa: Prime Books.
- Benavente, Ana. 1990. Práticas de Mudança e de Investigação: Conhecimento e Intervenção na Escola Primária. *Revista Critica de Ciências Sociais*, nº29, Pp.55-80.
- Brazelton, Thomas. 1981. *Tornar-se Família: o crescimento da vinculação antes e depois do nascimento*. Lisboa: Terramar.
- Caldeira, Pedro. 2008. *Regras e Concepção para a Escrita Científica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Carneiro, Maria e Dodge, Janine. 2007. *A Descoberta do Brincar*. Brasil: Instituto Unilever.
- Cunha, Nylse. 2007. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. São Paulo: Aquariana.
- Delors, Jacques. 2001. *Educação Um Tesouro a Descobrir*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Dunst, Carl. 1995. *Factores de Risco e Oportunidade*. E.U.A: Allegheny-Singer Research Institute.
- Friedmann, Adriana. 1996. *Brincar: Crescer e Aprender: o resgate do jogo infantil*. São Paulo: Editora Moderna.
- Ginsburg, Kenneth. 2007. The importance of play in promoting healthy child development and maintaining strong parent-child bonds. *Pediatrics*, nº119, Pp.182-191.
- Graham, Mimi et. al. 2003. Enhancing the Quality of Relationships in Infant-Toddler Child Care: A Developmental Process. *Zero to Three*. July, Pp.14-20.
- Katz, Lilian. 2005. Perspectivas actuais sobre a Aprendizagem na Infância. *Cadernos de Educação de Infância- APEI*, nº77, Jan/Abril, Pp.11-17.
- Kishimoto, Tizuko. 2001. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez.
- Lansdown, Gerison. 2004. La participación y los niños más pequeños. *Revista Espacio para la Infancia: Bernard van Leer Foundation*. nº22, Novembro, Pp.4-14.

- Leite, Elvira et. al. 1993. *Trabalho de Projecto: 2. Leituras Comentadas*. Porto: Edições Afrontamento.
- Maury, Liliane. 1991. *Piaget e a Criança*. Lisboa: Teorema.
- Moyles, Janet. 2002. *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Myers, Robert. 1995. *Um Tempo para a Infância. Os Programas de Intervenção Precoce no Desenvolvimento Infantil nos Países em Desenvolvimento*. Porto: Unesco.
- Neto, Carlos e Malho, Maria. 2004. Espaço Urbano e a Independência de mobilidade na infância. *Boletim do IAC*, nº73, Julho/Setembro, Pp.1-4.
- Osterrieth, Paul. 1975. *A Criança e a Família*. Sintra: Publicações Europa- América.
- Pardal, Luís. 1995. *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.
- Pimentel, João. 1985. Os Dados Psicológicos: Espaço e seu significado no desenvolvimento da criança segundo H. Wallon. *LUDENS*, nº3, Abr./Jun., Pp.39-43.
- Pinto, Manuel e Sarmento, Manuel. 1997. *As Crianças: Contextos e Identidades*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança.
- Portugal, Gabriela. 1992. *Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro: Cidine.
- Portugal, Gabriela. 1994. Educar em Creche - O Primado das Relações, *Revista Perspectivar Educação*, nº10/11, Novembro, Pp.17-24.
- Portugal, Gabriela. 2002. Dos Primeiros anos à entrada para a escola- Transições e continuidades nas fundações emocionais da maturidade escolar. *Revista Aprender: Educação Básica as Primeiras Etapas*. Escola Superior de Educação de Portalegre. Nº26, Setembro, Pp.9-16.
- Quivy, Raimond. e Campenhoudt, Luc. 1998. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Sarmento, Teresa e Marques, Joaquim. 2007. Investigação-acção e Construção da Cidadania. *Revista Lusófona de Educação*, nº 9, Pp.85-102.
- Schaffer, Rudolph. 1996. *Desenvolvimento Social da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Siegel, Daniel. 1999. As Relações e o Cérebro em Desenvolvimento, *Child Care Information Exchange*, nº11, Pp.48-51.
- Serrano, Gloria. 2008. *Elaboração de Projectos Sociais Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.

- Shore, Rima. 1996. Rethinking the Brain: New Insights into Early Development. *Conference Report - Brain Development in Young Children*: New York: Families and Work Institute, June, Pp.26-27.
- Smith, Peter. 2001. *Compreender o Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Solé, Maria. 1993. *O jogo infantil: Organização das Ludotecas*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança.
- Tenório, Fernando. 2002. *Elaboração de Projectos Comunitários: abordagem prática*. São Paulo: Loyola.
- Tenório, Fernando. 2003. *Avaliação de Projectos Comunitários: abordagem prática*. São Paulo: Loyola.
- Vandenplas-Holper, Christiane. 1982. *Educação e Desenvolvimento Social da Criança*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Veiga, José. 1998. Brincar e Jogar, na ainda presente tradição da aldeia local e na modernidade da aldeia global. *Revista Cultura lúdica, tradição e modernidade*. Fundação Calouste Gulbenkian, Pp. 37-44,

Referências Web

- <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/23419/2/Materiais%20ludico%20didacticos%20na%20intervencao%20precoce1.pdf> (Bartolomeu Maria Lúcia. 2000. *Materiais lúdico/didáticos na Intervenção Precoce*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação).
- <http://www.maiahoje.pt/noticia.php?id=487> (Duracell Toy Survey 2007)
- <http://www.martemeeo.com> (Metodologia vídeo de Maria Aarts 2010)
- <http://www.cego.be> (Escala Sics Ziko)
- <http://www.fpg.unc.edu> (Escala ITERS-R)
- <http://www.spinusa.org/> (Metodologia VIG e VHT)
- <http://www.abrinquedoteca.com.br> (Lucot, Alice. 2003. *Carta de Qualidade das Ludotecas Francesas*.)
- <http://www.cm-estarreja.pt> (Rede Social de Estarreja. 2006. Conselho Local de Acção social de Estarreja.
- <http://www.unicef.pt>

IX Anexos

Anexo I

Guião para a entrevista ao Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Estarreja

1. Que ofertas, públicas e privadas, existem no concelho destinadas à infância?
2. A que idades se dirigem cada uma delas?
3. São ofertas gratuitas?
4. Qual o seu funcionamento (diário, fim de semana, férias escolares)?
5. Qual dessas ofertas é que as crianças do concelho têm aderido mais?
6. Que ofertas considera que ainda estão em falta?
7. Em relação aos pais, quais as ofertas em que estes podem participar juntamente com os filhos?
8. Existem algum serviço de informação e formação para pais, acerca do exercício da parentalidade?
9. Considera que a abertura de uma ludoteca familiar pública e gratuita seria oportuna neste concelho?

Anexo II

Entrevista por questionário aos pais

Caríssimos Pais:

Enquanto aluna do Mestrado de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro, com especialização na área de Intervenção Social e Comunitária, gostaria de vos apelar ao preenchimento deste questionário, que me será útil para a elaboração de um projecto sobre o brincar na primeira infância.

Com este questionário, pretendo recolher informação sobre os hábitos de brincadeira dos vossos/as filhos/as e sobre o vosso envolvimento nessas actividades.

Desde já agradeço a vossa colaboração e o tempo prestado para a realização do mesmo.

Instruções de preenchimento: Preencha o questionário, assinalando com um X no quadrado correspondente à sua situação/opinião. Deverá escolher apenas uma resposta de entre as várias opções que lhe são dadas. Lembro que este questionário é confidencial.

Ana Sofia Lopes Espanha

Questionário aos pais

1. Considera o brincar uma actividade importante?

Sim ☐

Não ☐

Porquê?

2. Considera importante os pais brincarem com os filhos?

Sim ☐

Não ☐

Porquê?

3. Tem tempo para brincar com o seu filho/a?

Bastante ☐

Muito ☐

Algum ☐

Pouco ☐

Nenhum ☐

4. Tem disposição/paciência para brincar com ele/a?

Sempre ☐

Frequentemente ☐

De vez em quando ☐

Raramente ☐

Nunca ☐

5. Se brinca com o seu filho/a, quando o faz?

Durante a semana ☐

Ao fim de semana ☐

Nas férias ☐

Noutras ocasiões ☐

6. Em que altura do dia, normalmente brincam juntos?

Manhã ☐

Tarde ☐

Noite ☐

7. Que tempo dispõe hoje o/a seu/sua filho/a para brincar com os pais, quando comparado com o tempo que dispôs na sua infância?

Hoje brinca durante mais tempo ☐

Hoje brinca durante menos tempo ☐

8. Considera que a casa onde vive tem espaço suficiente para o seu filho/a brincar?

Sim ☐

Não ☐

9. Em que espaço, mais costuma brincar o/a seu filho/a?

No quarto ☐

Na sala ☐

Na cozinha ☐

No exterior ☐

10. Costuma comprar brinquedos ao seu filho/a?

Nenhuns ☐

Poucos ☐

Alguns ☐

Bastantes ☐

Muito ☐

11. Que critérios utiliza nessa compra?

Compra habitualmente:

O que a criança lhe pede ☐

O que é mais publicitado ☐

O que é mais conveniente para o desenvolvimento ☐

O que simplesmente o/a faz feliz ☐

12. Quais os jogos e brinquedos que considera mais adequados para a criança de hoje?

13. Pensa que, de alguma forma, os jogos do seu tempo eram mais ricos do que aqueles que hoje proporcionamos às nossas crianças?

Sim ☐

Não ☐

Porquê? _____

14. Quais os espaços existentes no concelho onde, nos seus tempos livres, mais vezes, costuma levar o seu filho?

Biblioteca Municipal ☐

Cinema/Teatro Municipal ☐

Piscina ☐

Parques infantis ☐

Outros: ☐ _____

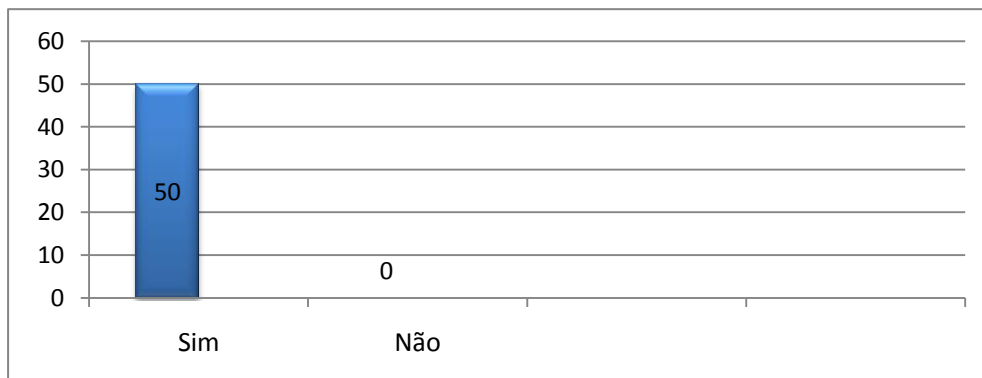
15. A ludoteca é um espaço que oferece e estimula a actividade lúdica, oferecendo às crianças os materiais necessários bem como as orientações, ajudas e a companhia que o brincar requer. O que pensa acerca da eventual abertura de uma ludoteca familiar no concelho? Acha que recorreria a esse espaço para brincar e participar em actividades com o seu filho/a?

Obrigada pela sua colaboração!

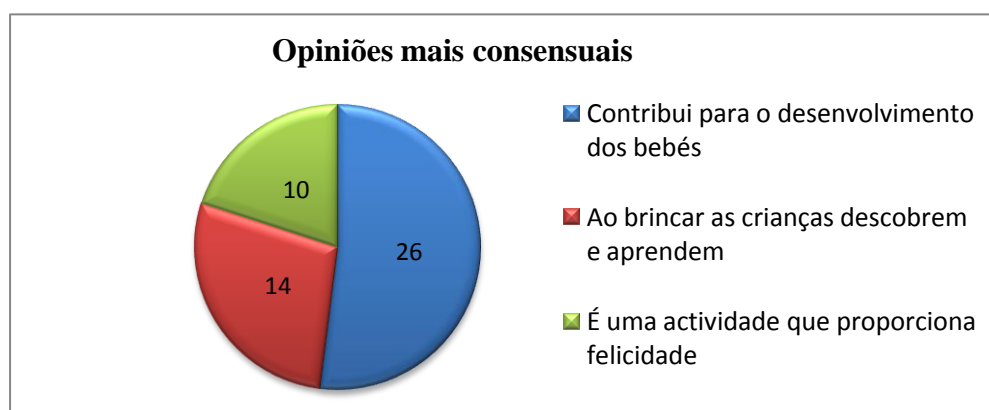
Ana Sofia Lopes Espanha

Anexo III - Análise dos dados obtidos na entrevista por questionário

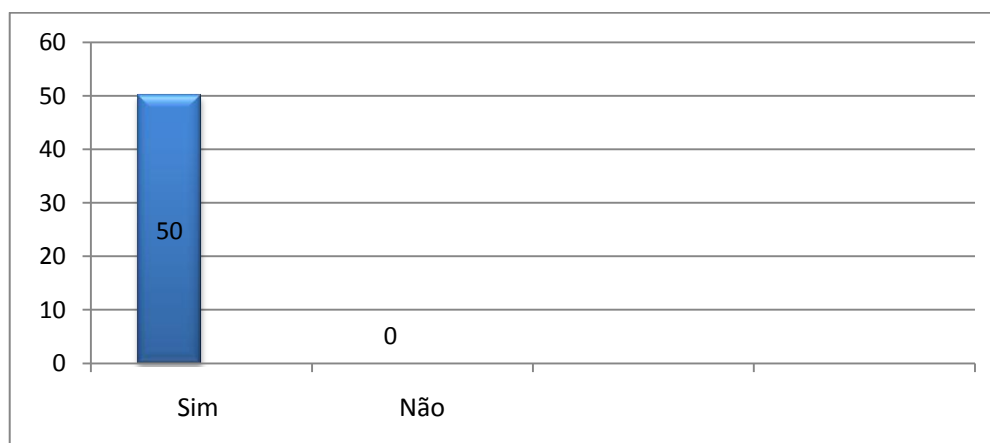
1. Considera o brincar uma actividade importante?



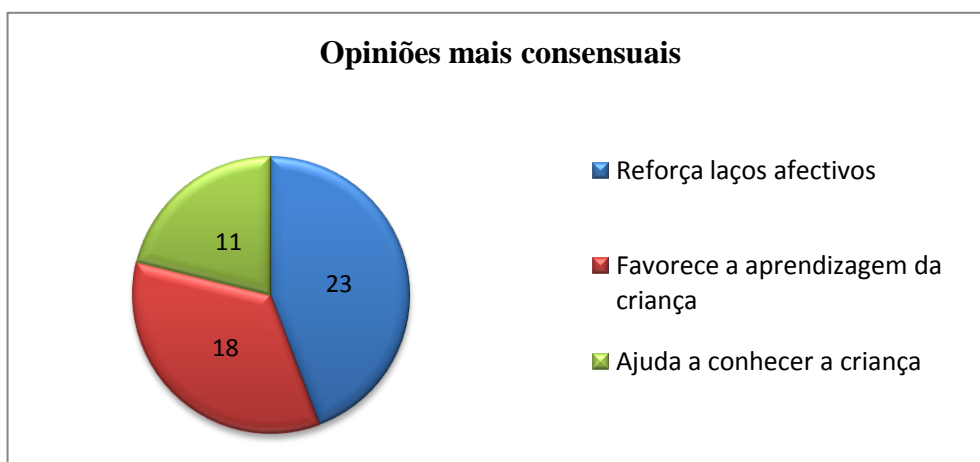
Porquê?



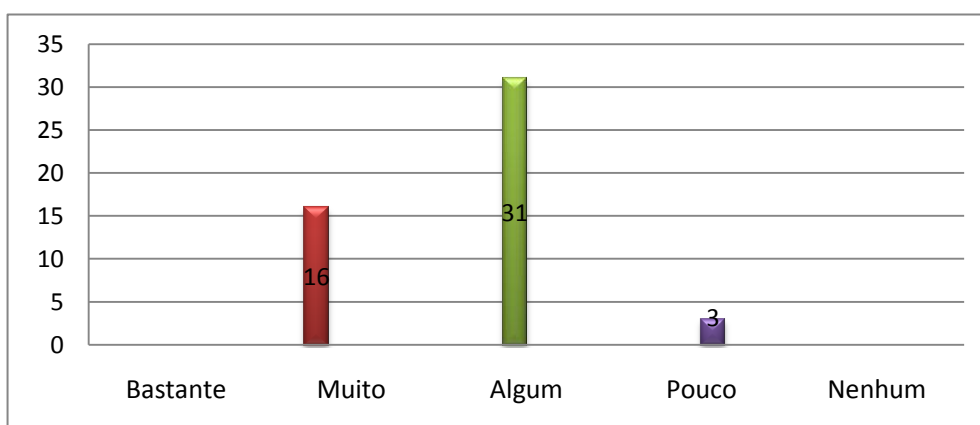
2. Acha importante os pais brincarem com os filhos?



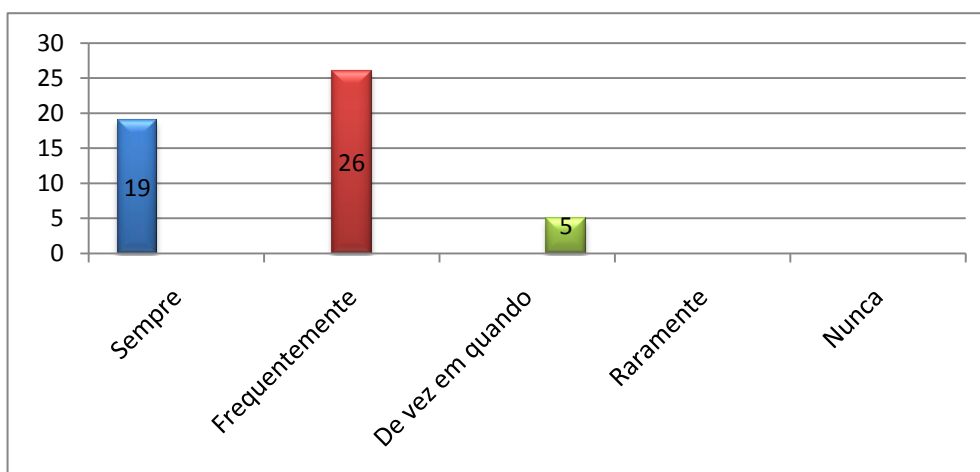
Porquê?



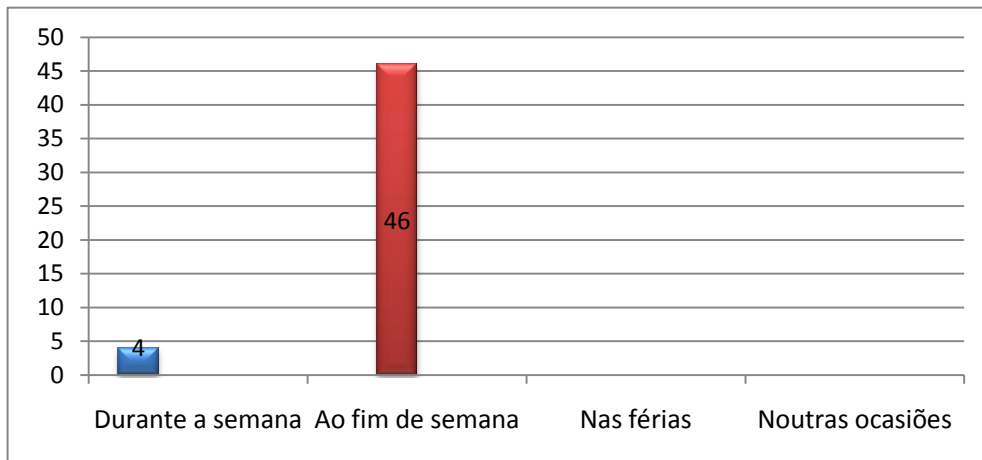
3. Tem tempo para brincar com o seu filho/a?



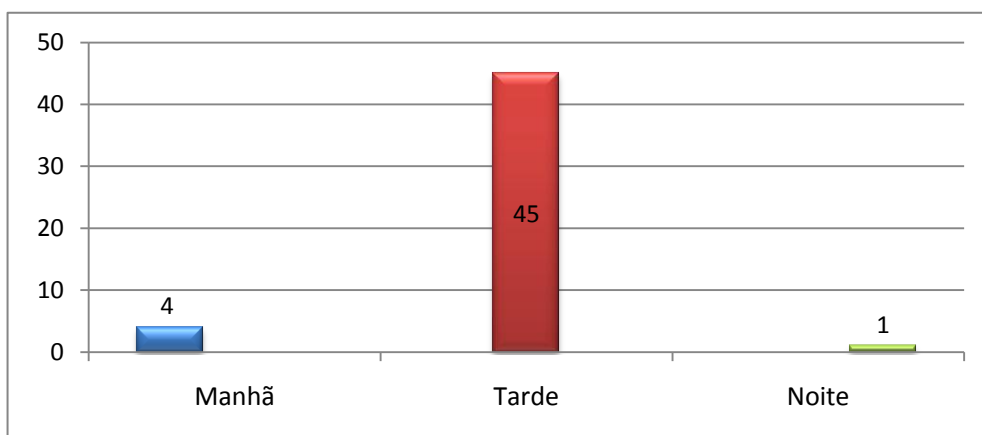
4. Tem disposição/paciência para brincar com ele/a?



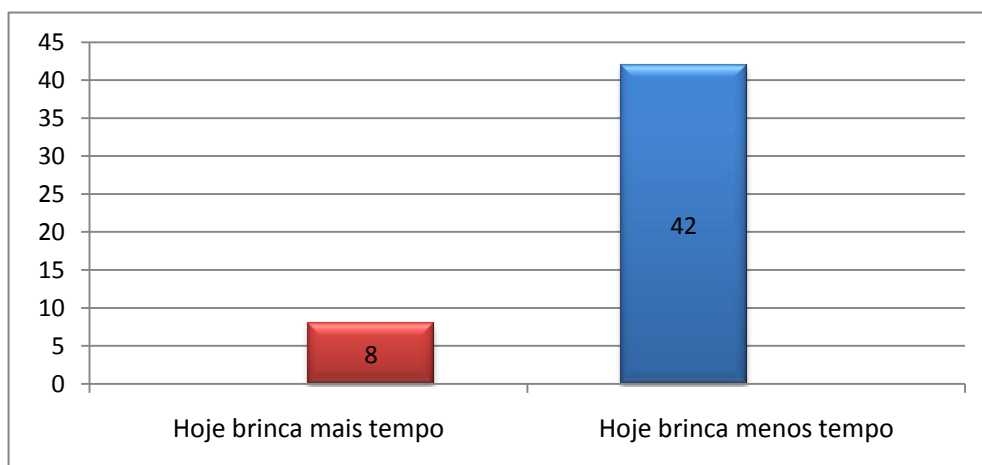
5. Se brinca com o seu filho/a, quando o faz?



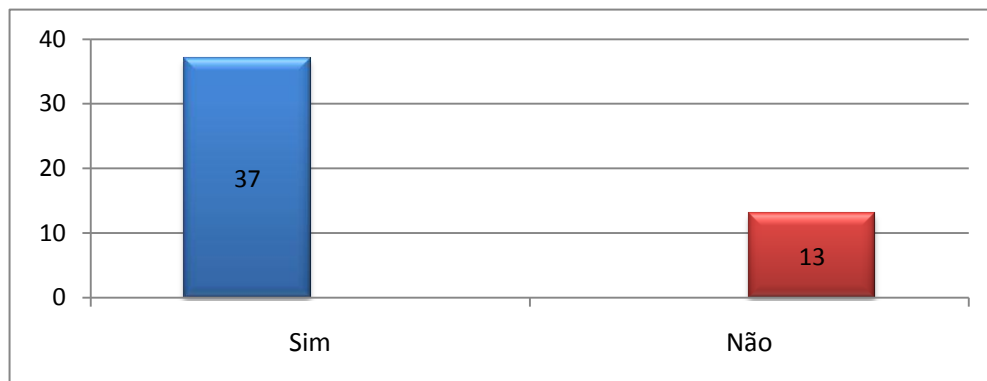
6. Em que altura do dia, normalmente brincam juntos?



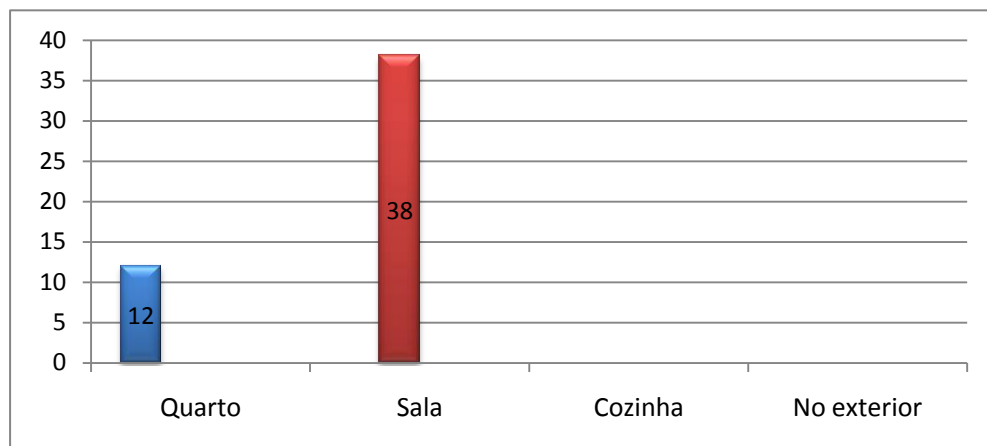
7. Que tempo dispõe hoje o/a seu/sua filho/a para brincar com os pais, quando comparado com o tempo que dispôs na sua infância?



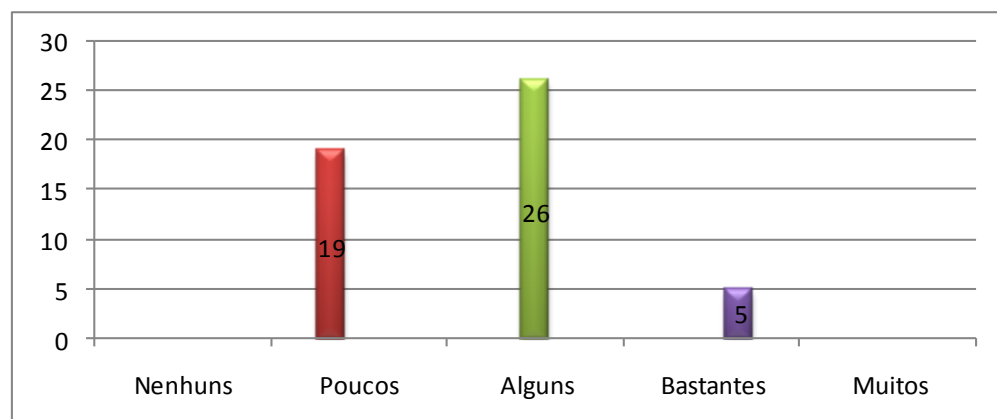
8. Considera que a casa onde vive tem espaço suficiente para o seu filho/a brincar?



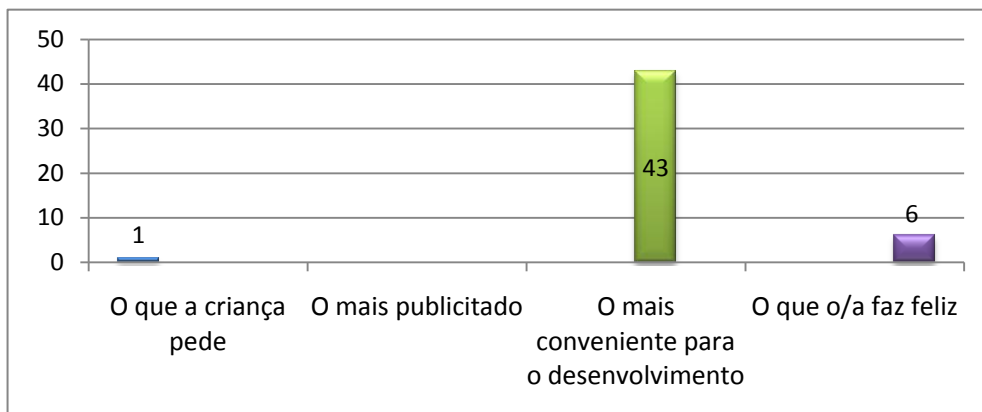
9. Em que espaço, mais costuma brincar o/a seu filho/a?



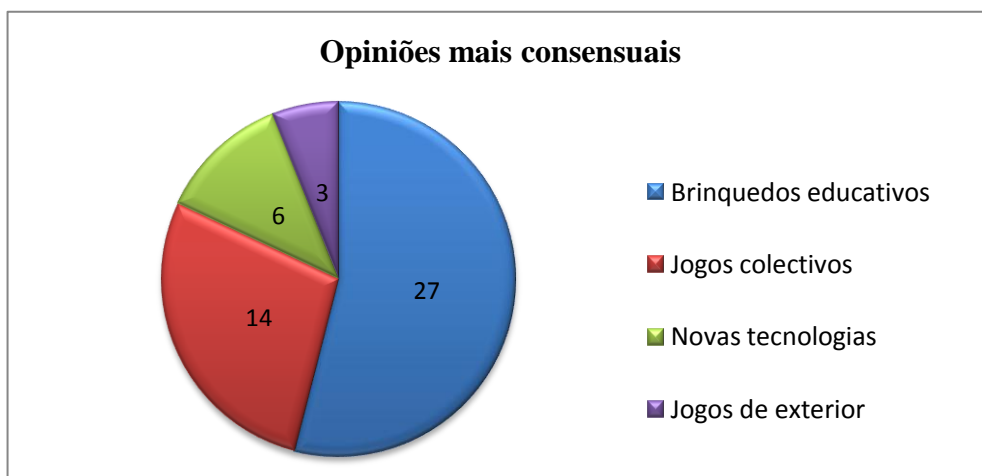
10. Costuma comprar brinquedos ao seu filho/a?



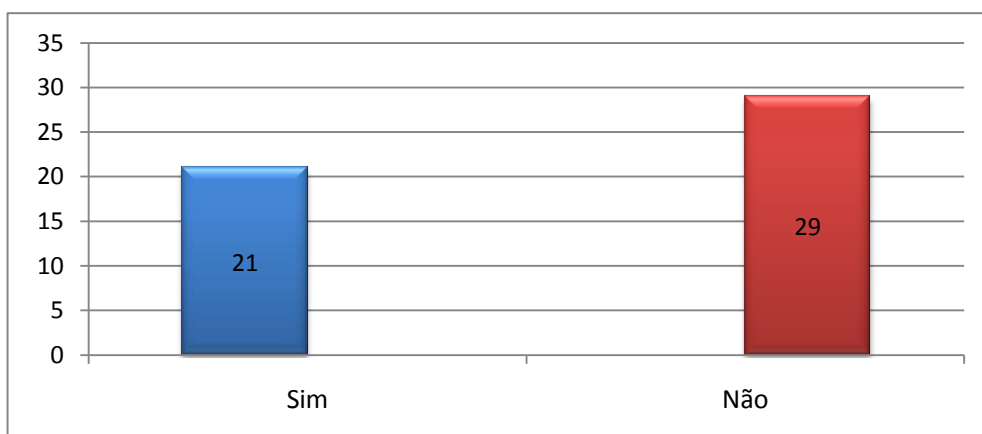
11. Que critérios utiliza nessa compra?



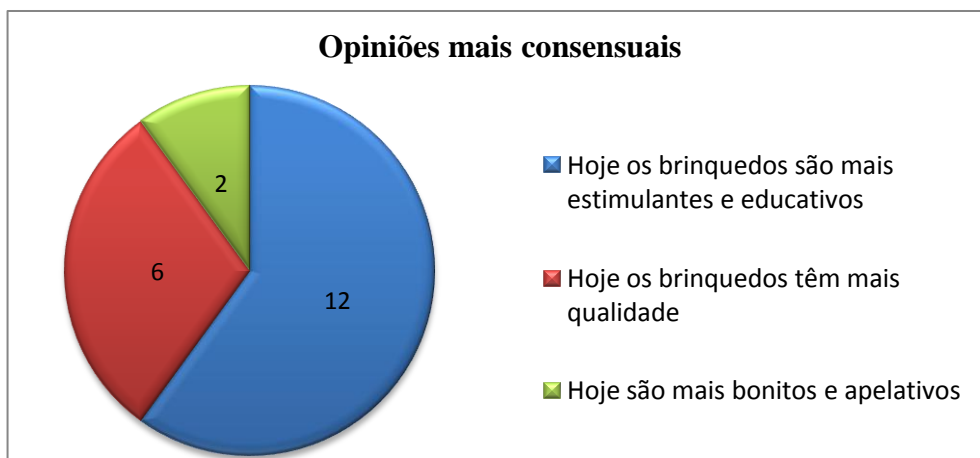
12. Quais os jogos e brinquedos que considera mais adequados para as crianças de hoje?



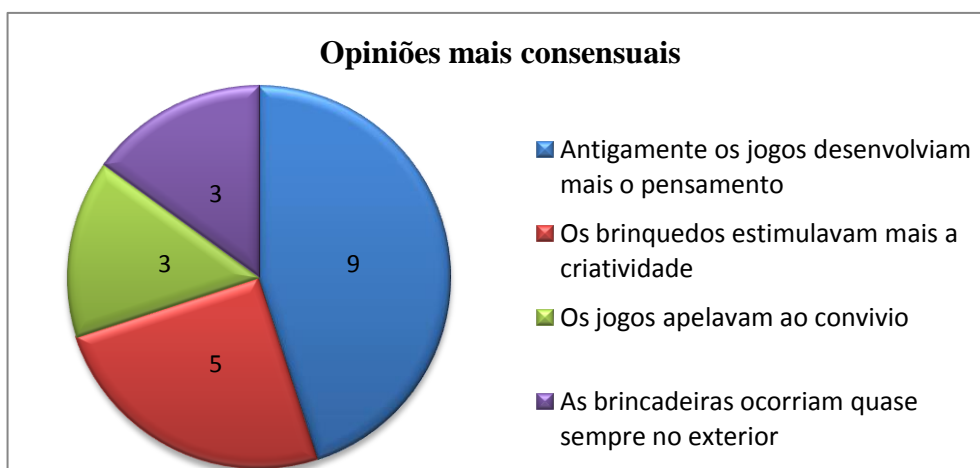
13. Pensa que, de alguma forma, os jogos do seu tempo eram mais ricos do que aqueles que hoje proporcionamos às nossas crianças?



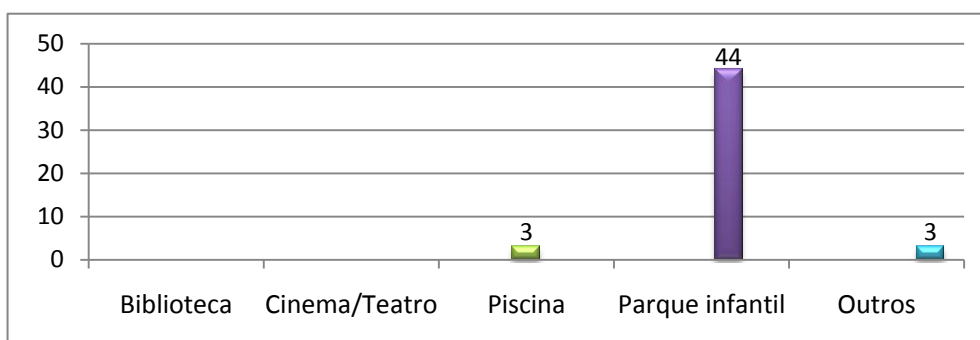
Não porque...



Sim porque...



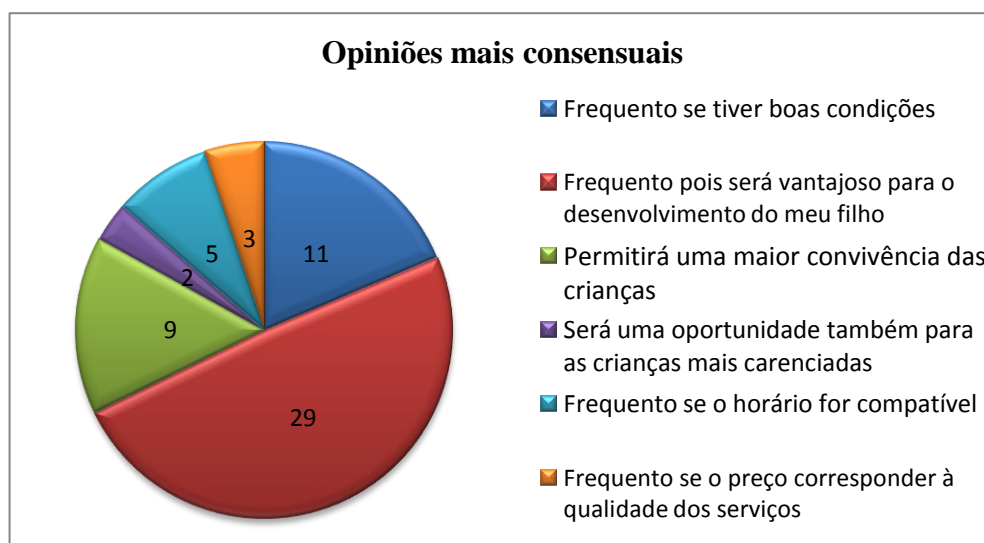
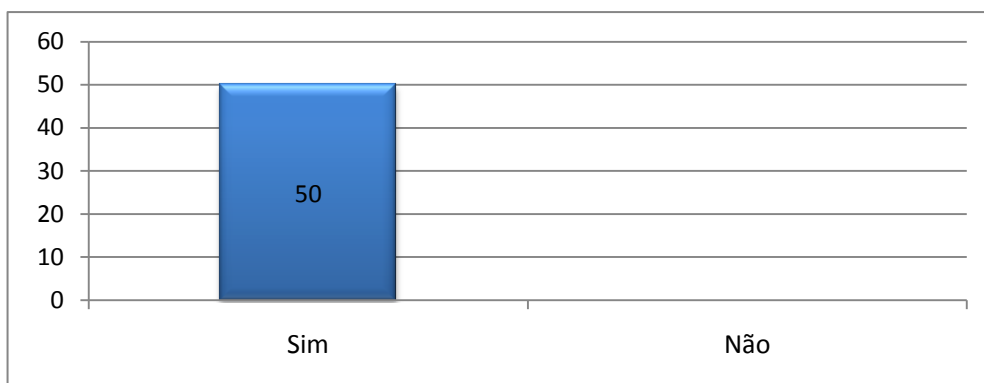
14. Quais os espaços existentes no concelho onde, nos seus tempos livres, mais vezes, costuma levar o seu filho?



Outros:

- Centro Lúdico (1 resposta)
- Gymboree (1 resposta)
- Praia (1 resposta)

15. A ludoteca é um espaço que oferece e estimula a actividade lúdica, oferecendo às crianças os materiais necessários bem como as orientações, ajudas e a companhia que o brincar requer. O que pensa acerca da eventual abertura de uma ludoteca familiar no concelho? Acha que recorreria a esse espaço para brincar e participar em actividades com o seu filho/a?



Anexo IV

Workshop para Pais e Filhos





**FUNDAÇÃO
BENJAMIM DIAS COSTA**



Informações
Telef – 234 850 820 / 966 009 278
geral@fundacaobdiascosta.com

I Encontro para Pais



OS PRIMEIROS CUIDADOS COM O BEBÉ
26 DE MARÇO DE 2010
SESSÃO DE INFORMAÇÃO
OS CUIDADOS DE SAÚDE NA PRIMEIRA INFÂNCIA
ENFERMEIRA: ÂNGELA CARDOSO
ALIMENTAÇÃO NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA
NUTRICIONISTA: ANA RITA MIRA

WORKSHOP PARA PAIS E BEBÉ
27 DE MARÇO DE 2010

MASSAGEM PARA BEBÉS
INSTRUTORA: CÁTIA TEIXEIRA

PREPARAÇÃO PARA O PARTO
FISIOTERAPEUTA: JUCELINA REIS.

MÚSICA PARA PAIS E BEBÉS
PROFESSORA: JOANA.

PROFESSORA: MARIA GUIMARÃES.



Loja: Miúdos e Graúdos
Avança



Empresa: Reinaldo R. Coelho



batuga
92.832.125.120



Estúdio Nunes
DESIGN & CRIAÇÃO



CLÍNICA EGAS MONIZ
MEDICINA DENTÁRIA

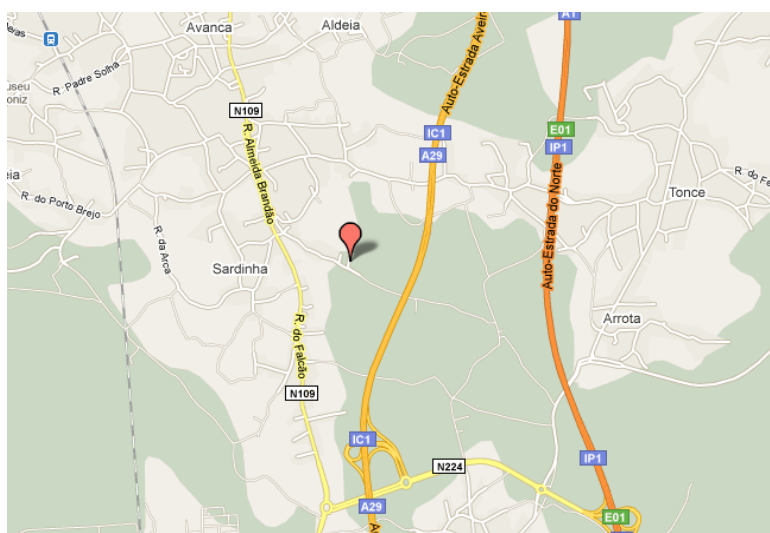
Anexo V

Escola Primária da Bandeira

Localização Macro-geográfica



Localização micro-geográfica



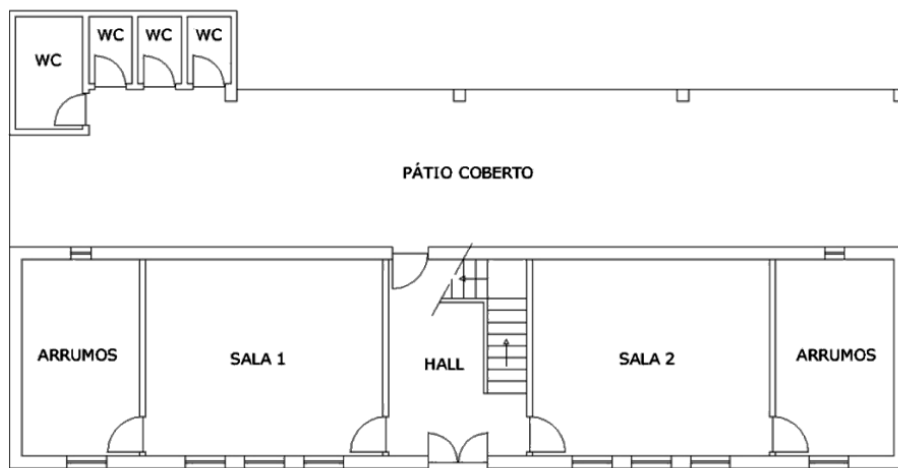
Espaço Exterior



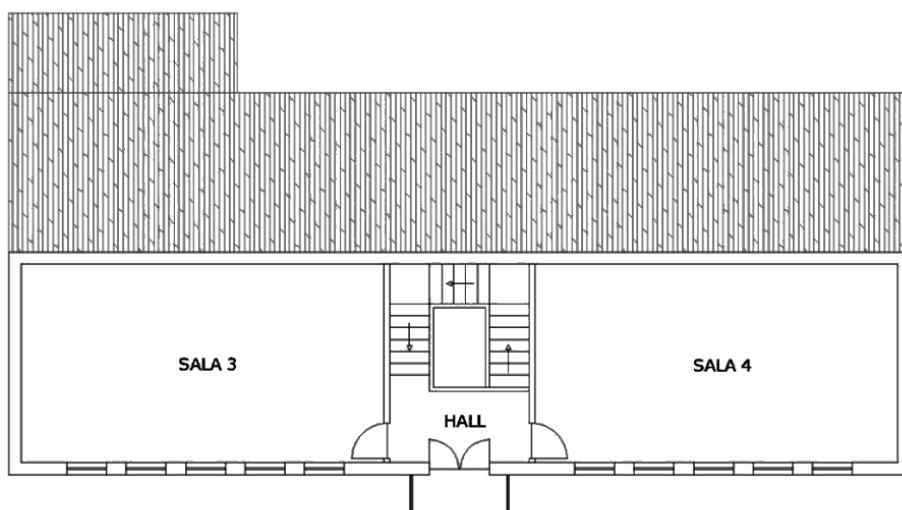
Espaço interior



Planta da Escola Primária da Bandeira



PLANTA: RÉS-DO-CHÃO



PLANTA: 1º ANDAR

THE SCALE FOR WELL-BEING

LEVEL	WELL-BEING	SIGNALS
1	Extremely Low	<p>The child clearly shows signals of discomfort:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Whines, sobs, cries, screams; • Looked dejected, sad or frightened, is in panic; • Is angry or furious; • Wriggles feet, throws objects, hurts others; • Sucks thumb, rubs its eyes; • Doesn't respond to the environment, avoids contact, withdraws; • Hurts him/herself: bangs head, throws him/herself on the floor.
2	Low	<p>The posture, facial expression and actions indicate that the child does not feel at ease. However, the signals are less explicit than under level 1 or the sense of discomfort is not expressed the whole time.</p>
3	Moderate	<p>The child has a neutral posture. Facial expression and posture show little or no emotion. There are no signals indicating sadness or pleasure, comfort discomfort.</p>
4	High	<p>The child shows obvious signs of satisfaction (as listed under level 5). However, these signals are not constantly present with the same intensity.</p>
5	Extremely high	<p>During the observation episode, the child enjoys, in fact it feels great:</p> <ul style="list-style-type: none"> • It looks happy and cheerful, smiles, beams, cries out of fun; • Is spontaneous, expressive and is really him/herself; • Talks to itself, plays with sounds, hums sings; • Is relaxed, does not show any signs of stress or tension; • Is open and accessible to the environment; • Is lively, full of energy, radiates; • Expresses self-confidence and self-assurance

THE SCALE FOR INVOLVEMENT

LEVEL	INVOLVE- MENT	SIGNALS
1	Extremely Low	<p>The child hardly shows any activity:</p> <ul style="list-style-type: none"> • No concentration : staring, daydreaming; • An absent, passive attitude; • No goal-orientated activity, aimless actions, not producing anything; • No signs of exploration and interest; • Not taking anything in, no mental activity.
2	Low	<p>The child shows some degree of activity but which is often interrupted:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Limited concentration : looks away during the activity, fiddles,dreams; • Is easily distracted; • Action only leads to limited results.
3	Moderate	<p>The child is busy the whole time, but without real concentration:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Routine actions, attention is superficial; • Is not absorbed in the activity, activities are short lived; • Limited motivation, no real dedication, does not feel challenged; • The child does not gain deep-level experience; • Does not use his/her capabilities to full extent; • The activity does not address the child's imagination.
4	High	<p>There are clear signs of involvement, but these are not always present to their full extent:</p> <ul style="list-style-type: none"> • The child is engaged in the activity without interruption; • Most of the time there is real concentration, but during some brief moments the attention is more superficial; • The child feels challenged, there is a certain degree of motivation; • The child's capabilities and its imagination to certain extent are addressed in the activity.
5	Extremely high	<p>During the episode of observation the child is continuously engaged in the activity and completely absorbed in it:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Is absolutely focused, concentrated without interruption; • Is highly motivated, feels strongly appealed by the activity, perseveres; • Even strong stimuli cannot distract him/her; • Is alert, has attention for details, shows precision; • Its mental activity and experience are intense; • The child constantly addresses all its capabilities: imagination and mental capacity are in top gear; • Obviously enjoys being engrossed in the activity

Anexo VI INFANT/TODDLER ENVIRONMENT RATING SCALE - Revised Edition (ITERS-R)
Statements of Developmentally Appropriate Practice for items included on the Tennessee Child Care
Evaluation Program

Space and Furnishings

1. Indoor Space

Children need sufficient space that is well lit and has a comfortable temperature for learning and playing. Indoor space that is well maintained and in good repair sends a message to the young child that is welcoming and inviting.

2. Furnishings for routine care and play

Furnishings should be provided for use by both children and adults.

Routine care furnishings (for meals, sleeping, diapering, and storage of children's possessions) should be comfortable, supportive and appropriate to the size of the child. This allows them to focus on developing self-help skills like feeding, rather than being hindered by discomfort and instability. Furnishings for play (blankets, exersaucers for non-mobile children, or chairs/tables, play furniture for toddlers) need to be easily accessed and used by all children in order to encourage exploration and independence. Furnishings used to store play materials (i.e., shelves, baskets, etc) should be on children's level to promote self-help skills and independence of choice. All furnishings for routine care and play must be safe for children's use, therefore they need to be sturdy and in good repair.

Adults working with children need easy access to routine and play furnishings, as well as storage facilities. This convenience allows adults to maintain proper supervision and to provide smooth transitions between activities. Seating for adults should be used when assisting children with routine care needs. Adult seating may vary according to children's needs, but should provide comfort for the health and well being of caregivers.

3. Provision for relaxation and comfort

Soft furnishings and toys allow children opportunities for daily relaxation and comfort. Cozy areas provide a place for quiet activities to occur and should be protected from active play so children can snuggle, daydream, and lounge. The designated area should be away from active play areas and be protected by caregivers.

4. Room arrangement

Space that is arranged to promote safe care means that all children can be observed at all times without being hidden from view by furniture or other obstructions. Quiet and active play spaces should be separated, but still allow free movement from one activity to another, to encourage exploration and selfchoice. Independence is also encouraged when materials are placed so that children can access them easily.

5. Display for children

Colorful pictures and mobiles promote visual stimulation and active learning. They should be displayed at child eye-level. Play items should be placed within easy reach of the children. Pictures, created by the children, should be talked about by the caregiver and should be displayed in order to promote feelings of positive self-esteem. This sends a message to the child that his/her work is valued and appreciated.

Personal Care Routines

6. Greeting/Departing

Parents and children need a warm, welcoming, and pleasant atmosphere to make the daily greeting and departing routine a happy one. Positive greetings help to promote the children's self-esteem and create a welcoming environment for parents. Parents should enter the classroom with their child and should be able to move around the room freely. Caregivers should be sensitive to separation anxiety by parents and children alike. The child's daily schedule should be made available to the parents.

7. Meals/Snacks

Meals and snacks that follow USDA guidelines contribute to the health of children and provide a model for good nutritional habits for life-long practice. Proper hand washing and careful food preparation both teach children proper hygiene and promote sanitary conditions. Children's safety is a concern during mealtimes. Precautions should include posting of food allergies and making necessary food substitutions. In addition, children need to be carefully supervised while eating or held while taking bottles. Mealtimes should be relaxed and scheduled to meet children's individual needs.

8. Nap

Naptime should be scheduled to suit the individual needs of children. Each child should have his/her own crib/mat separated from others to help prevent the spread of germs. Caregivers should stay alert to handle potential problems that arise and to help provide a peaceful rest/nap time for young children.

9. Diapering/Toileting

Young children need appropriate supervision of the toileting process in order to care for basic needs and to teach the importance of good health habits. As children are ready, parents and caregivers should work together to introduce toileting practices that encourage positive self-concept and self-esteem. The schedule should be individualized. Provisions, such as soap and steps near the sink, should be convenient and accessible so that children can wash hands or have their hands washed after toileting; this promotes self-help skills and good personal hygiene. Diapering should always be managed in a manner that promotes safety and good health practices.

10. Health practices

When caring for young children, caregivers must take action to prevent potential health problems and promote positive health habits. Since young children are especially vulnerable to illnesses, caregivers should be alert to handle children's health needs. Medicines should be administered appropriately. Preventative measures should be practiced with consistency. Prevention includes properly washing hands after handling pets, wiping noses, etc. The spread of germs should be minimized by providing children with clean toys, contaminate free sandboxes, and clean classroom surfaces. Protecting children's health includes taking appropriate actions to remove sick children from contact with others. Children should be provided with a change of clothes if needed due to accidents, weather conditions, or messy play.

Caregivers are great role models for promoting positive health habits. They are a valuable resource in educating young children about life-long health practices that prevent illness and promote good health. Caregivers should model and encourage self-help skills through activities where children are actively involved and encouraged to be interested in learning personal hygiene.

11. Safety practice

Protecting children is critical in providing quality care, whether through adequate supervision or minimizing hazards both inside and outside. Caregivers should anticipate potential safety problems and demonstrate, model, and teach children safe practices.

Adapted from Infant/Toddler Environment Rating Scale- Revised Edition by Thelma Harms, Debby Cryer & Richard M. Clifford.

(New York: Teachers College Press, ©2006 by Thelma Harms, Deborah Reid Cryer and Richard M. Clifford)-

Listening and Talking

12. Helping children understand language

The importance of exposing children to language, even very young children, cannot be emphasized enough. Children's early language experiences influence many areas of their development. Language is best understood when modeled by caregivers who are attentive and talk to children in a warm, supportive manner. Children need to be talked to frequently with simple, exact words. Children learn language within meaningful contexts where adults name objects and describe what children are doing and feeling.

13. Helping children use language

Children, as well as adults, use language to communicate their needs. Children's initial use of language is often expressed in their cries and sounds. As children grow in their understanding of language, their language becomes more distinguishable as words and phrases. When adults show interest in understanding what the child is trying to communicate, language is encouraged because the child learns their voice is heard and has meaning. This "give and take" is an early form of turn taking in communication. Children feel valued when adults respond in a positive, timely manner to their use of language. Adults also become language models by describing their own actions, introducing children to new words, and asking children questions.

14. Using books

The use of books and pictures with infants and toddlers is an important means of language learning for children as they make sense of the world around them. Books and pictures should be available in sufficient number for both independent use and use by a caregiver with the children. Early experiences with books, such as when caregivers are involved and interact warmly with children, encourage continued interest in literacy. Literacy is further encouraged when books are kept in good repair, thus sending the message that books are a valued resource. Children should be allowed to choose from a wide variety of age-appropriate books. The use of sturdy vinyl, cloth, or hard page books make them easier for children to explore independently.

Activities

15. Fine motor

Infants and toddlers need a variety of age-appropriate toys and materials that they can manipulate and play with at will. Materials should be in good repair, organized for play, and stimulate children at different skill levels. These activities strengthen fine motor control while encouraging and reinforcing skill development that contributes to academic readiness.

16. Active physical play

Young children need ample opportunity to exercise their gross motor skills. Opportunities for active play should be available both indoors and outdoors. Age-appropriate equipment and materials should present interesting and challenging options and should be supervised by attentive caregivers.

17. Art

Young children benefit from exposure to child-initiated art activities that are open-ended and process oriented. Children's art should be respected and appreciated as individual creative expression. Materials and opportunities to create art projects at a beginning level should be available as children are developmentally ready for them.

Adapted from Infant/Toddler Environment Rating Scale—Revised Edition by Thelma Harms, Debby Cryer & Richard M. Clifford.

(New York: Teachers College Press, ©2006 by Thelma Harms, Deborah Reid Cryer and Richard M. Clifford).

18. Music and movement

Music and movement are valuable means of learning and expression. Children's educational and developmental needs are better met when recorded music is used purposefully. Children need supportive caregivers that encourage self-expression and free choice in music and movement experiences.

19. Blocks

Block play, with a variety of blocks and accessories, allows young children the opportunity to explore spatial, mathematical, and role-play possibilities. Block play requires sufficient space in a protected area and time to expand on concepts and ideas.

20. Dramatic play

Dramatic play gives children opportunity to discover an array of roles and responsibilities as well as providing a vehicle through which they make sense of their world. Space, time, props, materials, and supportive caregivers enhance dramatic play.

21. Sand and water play

Sand and water play gives young children the opportunity to learn concepts through active exploration with their senses. The learning potential is extended when a variety of toys and different activities are used with sensory play.

22. Nature/ science

Even young children can appreciate the wonders of the natural world. Children need experiences with natural things both indoors and outdoors. Children benefit from hands-on experiences with the weather, natural objects, living things, etc. Realistic portrayals of nature in books, pictures, and toys enhance children's understanding of their world.

23. Use of TV, video, and/ or computer

Since children benefit more from hands-on experiences, the use of television, video, or computers is not recommended for infants and should be limited if used with toddlers. Children's experiences are enhanced when caregivers are involved in viewing and limit materials to those that are appropriate and educational. If media materials are used alternative activities should be available to children.

24. Promoting acceptance of diversity

Children need to learn about similarities and differences and acceptance by exposure to diversity through pictures, books, dolls, and other materials. Activities and classroom interactions are valuable resources as well. Exposure to diversity among peoples encourages respect for others and lessens misunderstandings.

Interaction

25. Supervision of play and learning

Supervision of infants and toddlers means meeting individual needs with a flexible schedule and providing for a variety of play activities. Caregivers should be tuned in to routine needs, but also should recognize the need for a balance of quiet and active experiences. Caregivers should provide and watch over the use of materials that stimulate the senses and interests of children.

Adapted from Infant/Toddler Environment Rating Scale—Revised Edition by Thelma Harms, Debby Cryer & Richard M. Clifford.

(New York: Teachers College Press, ©2006 by Thelma Harms, Deborah Reid Cryer and Richard M. Clifford)

26. Peer interaction

Infants and toddlers begin to learn how to interact socially and engage in peer experiences when they are allowed to move freely and encouraged to develop positive peer relationships. Caregivers need to promote early social skills by guiding and reinforcing the positive efforts of children interacting with each other.

27. Staff-child interaction

Caregivers, who are nurturing and responsive, promote the development of mutual respect between children and adults. Children, who trust adults to provide for their physical, psychological, and emotional needs, develop their own sense of self-worth and self-esteem.

28. Discipline

Infants and toddlers, who are nurtured with appropriate expectations and who experience consistency in disciplinary care, receive the first lessons in managing their own behavior and learning self-control. A stimulating environment in which rules are simple, explained, and consistently enforced is key to managing discipline and promoting good behavior.

Program Structure

29. Schedule

Infants and toddlers thrive on a consistent routine that provides a balance of activities designed to meet individual needs and foster physical, cognitive, social, and emotional growth. Play activities, basic routines, and transitions provide opportunities for learning and growing.

30. Free play

When children are permitted to select materials and companions, and, as far as possible, manage play independently, they learn to make their own choices, tailoring their learning to their personal needs. When giving opportunities to explore, children will choose to play and learn in the way that is most effective for their own personality by following their interests and working on the skills that they really need to develop. Caregiver intervention should be in response to children's needs, an invitation, or an opportunity to expand play activities.

31. Group play activities

In group-care situations, the focus needs to be on meeting individual needs and guiding children as they interact in small groups. If whole group activities are used, they should be limited to a small number of children, limited in time, and flexible to allow for the individual interests of all children.

32. Provisions for children with disabilities

Meeting the needs of infants and toddlers with disabilities requires knowledge of routine care needs, individual assessments, developmental levels, and the integration of the children in ongoing classroom activities. It also requires the involvement and establishment of a partnership between the parents and staff in setting attainable goals that will assist the child in reaching his/her full potential.

Anexo VIII

Método Video Home Training/Video Interaction Guidance.

Séries de Sins	Iniciativas positivas	Recepção de iniciativas positivas	Iniciativas e Recepção Negativas	Séries de Nãos
Estar atento	* Olhar para o outro	* Olhar para o outro com contacto ocular	* Olhar sem contacto ocular * Olhar ausente	Não Estar atento
Aprovação	* Sorriso * Entoação afável * Acenar que sim * Expressão de rosto agradável simpática	Aprovação pelo: * Sorriso * Entoação afável * Acenar que sim * Expressão de rosto agradável simpática	* Não Sorrir * Entoação não afável * Ausência de Acenos de sim * Expressão de rosto aborrecida	Ausência de Aprovação
Conversação	Conversar: * Nomear com aprovação * Dizer: Sim! * Iniciar conversa * Perguntar	Resposta de: * Nomear com aprovação * Dizer: Sim! * Iniciar conversa * Perguntar	* Estar Calado * Corrigir * Dizer não	Ausência de Conversação
Repartir ‘vez’	* Dar ‘vez’	* Aceitar ‘vez’	* Falar qualquer um e alguns não falam (sem ‘vez’) * Falar mutuamente	Ausência de Repartir ‘vez’
Ser Cooperativo	* Perguntar de se quer ajuda	* Aceitar ajuda oferecida	* Ausência de ajuda oferecida ou dada	Não Haver Cooperação
Dar Orientação	* Tomar iniciativa * Organizar actividades * Dar sugestões * Fazer planos * Procurar soluções	* Aceitar orientação	* Nenhum Orientação dada ou recebida	Ausência de Orientação Dada ou Recebida

Grelha "Características de Orientação e Interacção Positiva":

1.1. Iniciativa e Recepção

1.1.1. *Estar Atento*

- a) - virar para o outro
- b) - olhar para o outro
- c) - entoação afável
- d) - expressão de rosto agradável
- e) - postura agradável

1.1.2. Harmonizar a Si Mesmo

- a) - participar
- b) - dizer sim e repetir
- c) - *nomear*
- d) - cabeça em assentimento de recepção

1.2. Interacção

1.2.1. Formar Um Grupo (dar orientação)

- a) - envolvimento num grupo
- b) - olhando à volta
- c) - acusando recepção

1.2.2. Repartir a 'Vez'

- a) - dar e receber 'vez'
- b) - partilhar 'vez'

1.2.3. Cooperação

- a) - juntar-se à transacção
- b) - ajudando um ao outro

2 - Da linguagem geral do método:

2.1. Guiar a Interacção

2.2. Nomear com Aprovação

2.3. Tomar e Receber Iniciativa

2.4. Compensar

2.5. Activar

2.6. Consciencialização

2.7. Influência

Grelha "Características de Orientação e Interação Positiva":

1.1. **Iniciativa e Recepção** - são os comportamentos dos pais, em relação aos filhos, que se revelam tomada de iniciativa ou (recepção) como estímulo (no sentido de desencadear a comunicação) ou aceitação/atenção dos comportamentos da criança. Estes podem ocorrer separadamente, i.e., pode haver uma recepção dos pais sem que se siga uma tomada de iniciativa. Os comportamentos analisados não implicam uma sequência interactiva mas sim a recepção da criança perante a iniciativa dos pais e a recepção dos pais perante a iniciativa da criança. Estes aspectos são, particularmente, analisados nos pais em relação com a criança dos 0 aos 6 anos, esperando-se que continuem presentes nas idades que se seguem. Dentro deste grupo incluem-se os elementos que se seguem.

1.1.1. ***Estar Atento*** - são os comportamentos que indicam o acompanhamento que os pais fazem da actividade da criança e os comportamentos da criança de iniciativa e recepção. Ou do profissional em relação a quem está a orientar ou a ajudar e vice-versa. Estes compõem-se por:

a) - *virar para o outro* - é o rodar de cabeça e/ou do corpo em geral, na direcção da outro, na busca de contacto;

b) - *olhar para o outro* - é seguir com o olhar a actividade da criança (ou do outro) procurando, sempre que possível, fazer contacto ocular; e vice-versa;

c) - *entoação afável* - é a avaliação de um tom de voz não muito elevado nem muito baixo, denotando suavidade (em contraste com um tom de voz agressivo, ríspido e seco, ou imperceptível);

d) - *expressão de rosto agradável* - é um rosto simpático, i.e, que se apresenta sorridente e/ou sereno (em contraste com o rosto tenso e de expressão 'carregada') ou com expressões de bem estar;

e) - *postura agradável* - são as posições corporais que indicam conforto (descontração e relaxamento) e que permitem manifestação de carinho e participação nas actividades da criança (ou do outro) e da criança (ou do outro) na interacção ou de repouso pelo relaxamento alcançado junto do pai (ou do responsável);

1.1.2. ***Harmonizar a Si Mesmo*** - é o comportamento dos pais (ou do responsável) procurando adequar o seu ritmo ao da criança (ou do outro) no acompanhamento das suas actividades. Por exemplo, o pai usa uma frase em que nomeia e

aprova reforçando um comportamento da criança; o mesmo se pode averiguar no reforço do profissional para com os pais no seu registo de comportamentos visionados desejáveis;

a) - *participar* - é o comportamento activo dos pais fazendo parte das actividades da criança (e.g. jogo/brincadeira e elaborar respostas). Por exemplo, quando a criança está no chão a brincar com o 'lego' e o pai se senta junto dela tornando-se seu parceiro nas 'construções'; ou o comportamento activo do profissional junto das manifestações parentais durante o visionamento

b) - *dizer sim e repetir* - são os comportamentos que revelam aprovação, como por exemplo o acenar de cabeça e/ou a verbalização do "Sim!" ou "Está Bem!" e repetição do que a criança (ou do outro) disse ou fez;

c) - *nomear* - é a verbalização que os pais fazem da actividade da criança (ou do outro) enquanto esta está a decorrer. Por exemplo, a mãe diz: "Então filho estás a ver o livro! Está aí um cão desenhado e é castanho; olha, estás a tocar na cabeça dele. Agora estás mais interessado na televisão e no senhor que está a falar.";

d) - *cabeça em assentimento de recepção* - acenos de cabeça indicando estar atento e acompanhar o ritmo da iniciativa da criança (ou do outro), incitando-a a continuar;

1.2. **Interacção** - são os comportamentos que implicam uma sequência entre iniciativa e recepção, entre pais e filhos (extensivo à relação *hometrainer*-pais), pressupondo a formação do grupo e a orientação de como interagir neste. Estes aspectos analisam-se a partir dos 6 anos de idade.

1.2.1. **Formar Um Grupo (dar orientação)** - são os comportamentos dos pais que permitem a interacção entre os vários elementos presentes, sem haver exclusão de ninguém; ou do profissional que asseguram a interacção e participação entre os pais;

a) - *envolvimento num grupo* - é o comportamento de inclusão da criança no grupo, procurando informá-la do conteúdo da comunicação e/ou adequar esse conteúdo à sua idade e desenvolvimento. Procura-se assim que a criança sinta que faz parte e que participe na interacção familiar; o profissional procura incluir cada elemento e adequa a linguagem ao contexto cultural e emocional dos pais;

b) - *olhando à volta* - é o comportamento de percorrer com o olhar todos os elementos presentes, incitando a sua inclusão e participação na interacção;

c) - *acusando recepção* - são os comportamentos de dar a conhecer à criança (ou ao outro) que as suas iniciativas/mensagens são recebidas e que têm importância. Por

exemplo, quando a criança gesticula procurando dizer algo, no decorrer de uma conversa entre os vários membros da família, e o pai afirma: "Sim filho, diz!";

1.2.2. **Repartir a 'Vez'** - são os comportamentos que procuram dar oportunidade, a todos os elementos do grupo, de se manifestar e exprimir;

a) - *dar e receber 'vez'* - são os comportamentos de liderança que permitem a participação dos diferentes elementos. Assim recebem as iniciativas e incentivam a participação de todos os membros, o que implica também o aceitar a vez para si próprio quando esta é solicitada ou quando se avalia ser necessária;

b) - *partilhar 'vez'* - é fazer rodar a vez pelos vários elementos evitando que fale qualquer um e/ou que falem mutuamente estimulando a alternância;

1.2.3. **Cooperação** - é a participação em que se pretende ajudar os outros nas suas actividades;

a) - *juntar-se à transacção* - são os comportamentos dos pais que se incluem na interacção dos filhos, procurando regular e liderar a interacção de forma harmoniosa;

b) - *ajudando um ao outro* - é o apoio que os pais dão aos filhos no desempenho de determinadas actividades e a ajuda que os pais solicitam e/ou aceitam dos filhos no desempenho das suas actividades; ou o profissional que ajuda os pais nas suas expressões e na consciencialização das interacções

2 - Da linguagem geral do método:

2.1. **Guiar a Interação** - são as directivas que os pais dão à criança permitindo que esta saiba 'quando' e 'como' agir nas diversas situações. Implica tomar iniciativas, organizar actividades, dar sugestões, fazer planos e procurar soluções em conjunto; o que se aplica também na relação entre o profissional e os pais;

2.2. **Nomear com Aprovação** - é a verbalização da actividade da criança elogiando-a ou emitindo parecer positivo sobre a mesma; ou o sublinhar da actuação parental como positiva e desejável pelo profissional;

2.3. **Tomar e Receber Iniciativa** - são, respectivamente, os comportamentos que instigam/promovem a interacção com a criança (e.g. virar a cabeça na direcção do filho e perguntar o que faz) ou que revelam o estar atento e acompanhar a sua actividade (e.g. seguir com o olhar os movimentos da criança); ou do profissional com os pais;

2.4. **Compensar** - refere-se ao comportamento do líder da interacção (e.g. pais em relação à criança e HT em relação aos pais) que age no lugar do outro, i.e., faz o que avalia

que o outro deveria fazer. Por exemplo, quando o filho tem dificuldades em pôr a mesa para a refeição e o pai o afasta fazendo ele mesmo essa tarefa; ou quando a criança puxa o braço da mãe para participar na conversa e ela não reage depois, na sessão de análise, o HT chama a atenção para este facto sugerindo que a mãe verbalizasse: "Diz filho!";

2.5. **Activar** - são os comportamentos de incentivo à percepção e de orientação, no decorrer da interacção, que permitem a aprendizagem de "como fazer". Pegando nos exemplos anteriores, quando a criança está com dificuldades em pôr a mesa o pai aproxima-se dela e pergunta-lhe qual é a dificuldade, depois diz-lhe e exemplifica como se faz e, seguidamente, executa a tarefa com ela; ou quando os pais não receberam a iniciativa da criança, o HT pede aos pais que digam o que vêem na revisão do filme, como avaliam o que se passa e o que poderiam ter feito. Assim permite-se que estes avaliem a situação e que procurem a sua resolução, podendo contar com o apoio e orientação do 'líder' na procura de como fazer;

2.6. **Consciencialização** - refere-se a um estado de atenção/alerta e reconhecimento, do líder da interacção em relação aos comportamentos do outro, que permitem a leitura de iniciativas e recepções e, consequentemente, agir em concordância com a análise dessa leitura;

2.7. **Influência** - é o efeito que o comportamento de um elemento da interacção tem sobre o(s) outro(s). Por exemplo, nas sessões de análise o HT pede autorização para baixar o som da televisão depois, numa fase mais avançada da intervenção, os pais tomam a iniciativa de desligar a televisão antes de se iniciar a sessão.